

BUREAU DOS SEGREDOS PÚBLICOS

A Relevância de Rexroth

por Ken Knabb

Versão impressa 88 páginas (1990)

Versão eletrônica em inglês para *Segredos Públicos* (1997)

Versão eletrônica em português (2003)

[Capítulo 1: Vida e Literatura](#)

Breve biografia. Como ele era pessoalmente. Sua poesia. Oposição a Pound, Eliot, e a academia. A notável variedade e vivacidade de suas composições. Visões sobre Blake, Baudelaire, Whitman, Henry Miller, etc.

[Capítulo 2: Magnanimidade e Misticismo](#)

A magnanimidade como tema central de sua vida e obra. Experiências místicas. Visões do Taoismo, Budismo, Cristianismo, psicodelicismo, pseudosciências, D.H. Lawrence, Martin Buber, etc.

[Capítulo 3: Sociedade e Revolução](#)

Sua oposição ao bolshevismo. Suas atividades e perspectivas anarquistas. Visões dos Beats, a contracultura dos anos 60, ecologia, música underground, etc. Ambigüidade de sua posição como crítico social público. Limites de sua análise social e de sua noção de subversão cultural.

[Notas e Bibliografia](#)

A Relevância de Rexroth

Capítulo 1: Vida e Literatura

REXROTH (*antes de iniciar sua conferência*): “Bem, sobre o que iremos falar esta noite? Sexo, misticismo ou

revolução?”

MULHER NA AUDIÊNCIA: “Qual é a diferença?”⁽¹⁾

Descendente de uma estirpe de abolicionistas, socialistas, anarquistas, feministas e livre-pensadores, Kenneth Rexroth nasceu em Indiana em 1905. Após uma breve formação culta ficou órfão aos doze anos de idade. Ele passou a maior parte de sua adolescência em Chicago, trabalhando como repórter de um jornal e garçom em um *jazz coffee house*, misturado com músicos, artistas, escritores, radicais e excêntricos que constituíam o mundo boêmio dos anos 20. Quase que inteiramente autodidata (teve apenas cinco anos de escolaridade formal), ele lia de tudo, escreveu poesia, praticou pintura abstrata, atuou no teatro de vanguarda e dedicou-se a aprender diversas línguas. No final de sua adolescência ele partiu para o interior do país. Durante muitos anos de sua vida no Oeste trabalhou como *cowboy cook*, *wrangler* e outros tipos de atividades rurais e camponesas, antes de passar um tempo na cidade de Paris. ⁽²⁾

Ele narra suas aventuras em [An Autobiographical Novel](#).⁽³⁾ A primeira impressão que se tem é que ele passou boa parte de seu tempo junto a personagens como — Louis Armstrong, Alexander Berkman, Clarence Darrow, Eugene Debs, Marcel Duchamp, Emma Goldman, D.H. Lawrence, Diego Rivera, Carl Sandburg, Edward Sapir, Sacco e Vanzetti, que volta e meia cruzavam seu caminho, uma índia que o introduziu na yoga sexual, membros da gang de Bugs Moran que mais tarde virou consultor de filmes de gangsters em Hollywood, poetas loquazes que lhe mostraram “as três organizações mais futriqueiras da vida moderna, os anglo-católicos, os trotskystas, e os homossexuais”, e uma multidão de outras pessoas — anarquistas, comunistas, agitadores, dadaístas, surrealistas, ocultistas, prostitutas, malandros, policiais, juízes, carcereiros, vagabundos, sertanejos, lenhadores, cowboys, indígenas. . . . *An Autobiographical Novel* é um livro fascinante, não apenas por narrar o incrível range de experiências de Rexroth, mas por sua evocação à subcultura radical-libertária norte-americana ao longo dos primeiros anos do século, que tanto caracterizou a boemia dos anos 20 e que prenunciou a contracultura no resto do mundo. “O que eu estava testemunhando era o desenvolvimento em alguns lugares em Chicago, Nova Iorque, e Paris, de um tipo de cultura que se esparramava pelo mundo inteiro. Naquela geração, todas as pessoas com qualquer tendência à boemia desde Sydney a Oslo fizeram as mesmas coisas que nós fizemos, naqueles dias todos nos conhecíamos uns aos outros.” ⁽⁴⁾

An Autobiographical Novel é interrompida em 1927 [uma edição posterior dá continuidade à história em 1949], quando Rexroth muda-se para San Francisco. (Ele disse que gostava dali porque dava acesso às montanhas do Oeste, longe da dominação cultural de New York, e virtualmente a única grande cidade norte-americana que não estava tomada pelo puritanismo, mas por “jogadores, prostitutas, malandros, e caçadores de fortuna”). Nos anos trinta e quarenta ele exerceu um importante papel entre vários grupos libertários, por direitos civis e pacifistas (durante a Segunda Grande Guerra ele foi um objetor de consciência), representando um dos espíritos mais atuantes no fermento literário e cultural que conduziram a Renascença do pós-guerra em San Francisco. Durante os anos cinquenta e sessenta ele escreveu poemas, peças, ensaios e críticas sociais, traduziu poemas de muitas línguas,

participou de crítica literária e de muitos outros programas não-comerciais na rádio KPFA, sendo pioneiro na leitura poética do jazz.

Em 1968 mudou-se para Santa Barbara, Califórnia, onde viveu ministrando cursos de poesia e música underground alternados com muitas longas visitas ao Japão, até sua morte em 1982.

* * *

Tive a felicidade de conhecê-lo pessoalmente nos anos sessenta, quando fui aluno no San Francisco State College. Durante toda sua vida ele não via o mundo acadêmico com bons olhos (ele chamava as universidades de “*fog factories*”), mas naquela época, considerado “relevante” na educação, era freqüentemente convidado para ministrar o curso que quisesse. Sua “classe”, que era certamente a mais instrutiva de que tive conhecimento, consistia simplesmente de discussões abertas sobre qualquer assunto, às vezes alternadas com performances de grupos teatrais.

Em termos gerais ele foi muito simpático ao recente desenvolvimento contracultural em que a maioria de nós se envolveu, contudo, ele temperava nosso ingênuo entusiasmo com uma alta dose de humor e ceticismo, ampliando nossas perspectivas — comparava Bob Dylan com cantores franceses *underground* dos quais nunca tínhamos ouvido falar, ou declarava que os maiores artistas psicodélicos foram os místicos medievais que pintavam suas próprias visões, ou entusiasticamente aprovava as mais radicais ações antiguerra, ao mesmo tempo em que nos alertava contra as manipulações da esquerda burocrática. Ocasionalmente, chamava a atenção contra alguma atrocidade social ou exemplo de personalidade mesquinha, ele censurava e atacava severamente estas coisas. Geralmente ele era genial em suas brincadeiras com as pessoas. Ele raramente fazia de seus pontos de vista um cavalo de batalha, mas volta e meia ele lançava na conversa um conto ou uma anedota que sutilmente nos despertava lançando uma nova luz sobre aquele assunto. Muitos meses ou anos depois ainda nos lembrávamos dessas coisas, e apreciávamos quão modestamente e habilmente ele as fazia.

Sua voz arrastada e grave lembrava W. C. Fields, e em suas aparições públicas ele adotava uma espécie de oratória fieldsiana pela maneira como se expressava. “Ele evoca o tempo [olhando com nostalgia para o passado] quando eu conversava com Lewis Mumford — um homem com o qual geralmente concordava [murmurando pelo canto da boca] — quando ele dizia . . .” Essa irônica personalidade *showbiz* chamava bastante a atenção, mas acho que ele usava esse estilo principalmente para dar um ar solene aos seus pontos de vista: Para um ouvinte casual descuidado toda aquela ironia podia ser vista apenas como um sinal de pompa, jactância, ou “espírito de gracejo” em seus relatos e anedotas hilariantes. Sem dúvida ele tinha muita consciência de seus próprios méritos, mas nunca chamava a atenção sobre si mesmo — escrevendo ou falando, ele sempre tendia ao diálogo. Muitos escritores chamam a atenção a todo pequeno achado cada vez que o encontram; Rexroth aborda pontos de vista realmente originais como se eles fossem meras banalidades amplamente conhecidas, ou atribui seu próprio mérito a outras pessoas — foram muitos os escritores que ele elogiou como maduros, corajosos, extensamente instruídos, cultos, etc., que o foram realmente bem menos do que ele próprio. Ele foi reputado de ser às vezes bem intratável, mas para mim ele lembra genialidade e magnanimidade.

Mas não o conheci o suficiente para falar sobre sua vida pessoal. Este livro trata principalmente de seus escritos — e só com certos aspectos deles. Eu o escrevi por duas razões. Eu pretendi selecionar tanto aquilo que achei precioso como aquilo que discordei nesse escritor que disse muito para mim; e encorajar outras pessoas a lê-lo. Espero, cedo ou tarde, ser bem sucedido nessa empreitada.

* * *

Alguns dos primeiros poemas de Rexroth se assemelham aos poemas "cubistas" de Gertrude Stein, Guillaume Apollinaire e Pierre Reverdy: os quais quebram e reestruturam elementos verbais da mesma forma que as pinturas cubistas fazem com elementos visuais. Eles também refletem em seus estudos as canções primitivas e a lingüística moderna. Ele diz que este tipo de ecletismo experimental que compartilhou com muitos outros poetas dos anos vinte, originou-se da convicção de que “o idioma atual de sociedade degradou-se em favor da exploração sob a qual se submeteu, e que era necessário achar aberturas na estrutura de comunicação ainda fluente e pela qual a mente do leitor poderia ser atingida”. Eventualmente ele percebeu que poderia alcançar os mesmos efeitos por meios mais acessíveis. Exceto algumas poucas exceções, a maioria dos seus poemas são bem diretos, necessitando de pouca ou nenhuma explicação.

Um crítico acadêmico certa vez referiu-se sarcasticamente a Rexroth, Gary Snyder e Philip Whalen como “membros da *bear-shit-on-the-trail school of poetry*”. [N.T.: algo semelhante a “escola poética *do-rastro-de-merda*”]⁽⁵⁾

Rexroth, naturalmente, considerou isso um elogio. Ele freqüentemente passava muitos meses nos bosques e montanhas, e vários dos seus poemas refletem as experiências lá vividas. Um dos seus mais belos poemas foi feito ao lado de uma cachoeira enquanto lia “The Signature of All Things” de Jakob Boehme, o místico visionário que “via o mundo como que fluindo numa eletrólise de amor”.

Through the deep July day the leaves
Of the laurel, all the colors
Of gold, spin down through the moving
Deep laurel shade all day. They float
On the mirrored sky and forest
For a while, and then, still slowly
Spinning, sink through the crystal deep
Of the pool to its leaf gold floor. . . .
The wren broods in her moss domed nest.
A newt struggles with a white moth
Drowning in the pool. The hawks scream,
Playing together on the ceiling
Of heaven. The long hours go by.

[Os dias de julho pintam as folhas
Do loureiro de todas as cores
Do ouro, que giram caindo pela sombra do loureiro
Pintando todo o dia de comoção. Elas flutuam durante algum tempo

No céu refletido e na floresta, e então,
Girando ainda lentamente, afundam no cristal profundo
Do lago em seu chão de folhas de ouro.
A corruíra observa o musgo da cúpula de seu ninho.
Uma salamandra luta com uma traça branca que
Se afoga no lago. Os falcões gritam, enquanto
Brincam junto ao teto
Do céu. As longas horas se arrastam.](6)

Muitos dos seus poemas de amor ocorrem na natureza, tanto que depois de uma conferência lhe perguntaram, "Sr. Rexroth, você nunca faz amor entre quatro paredes?" No poema abaixo ele e sua amada estão deitados em uma canoa ao lado de uma vitória-régia em algum lugar no meio oeste dos Estados Unidos.

Let your odorous hair fall across our eyes;
Kiss me with those subtle, melodic lips. . . .
Move softly, move hardly at all, part your thighs,
Take me slowly while our gnawing lips
Fumble against the humming blood in our throats.
Move softly, do not move at all, but hold me,
Deep, still, deep within you, while time slides away,
As this river slides beyond this lily bed,
And the thieving moments fuse and disappear
In our mortal, timeless flesh.

[Deixe o aroma de seu cabelo cair em nossos olhos;
Beije-me com esses lábios sutis, melódicos.
Mova suavemente, quase não movendo, separe suas coxas,
Conduza-me lentamente enquanto nossos lábios se roçam
Apalpando o sangue que zumbe em nossas gargantas.
Mova suavemente, não mova nada, mas me segure,
Profundamente, segure mais um pouco, bem fundo dentro de você, enquanto o
tempo desliza lá fora,
Como este rio desliza ao longo desta cama delicada,
E os momentos furtivos fundem e desaparecem
Em nossa carne mortal, infinita.](7)

Voltando à cidade, em 1955 ocorre o famoso encontro de Rexroth com Allen Ginsberg que declama pela primeira vez o seu "Howl" ["Uivo"]. Como testemunha de defesa a uma acusação de atentado ao pudor que logo se seguiu, ele confundiu o promotor observando que Ginsberg simplesmente dera continuidade a uma tradição venerável, referindo-se aos profetas bíblicos que denunciaram as iniquidades de seu tempo. Isto é igualmente verdade no que diz respeito ao próprio Rexroth em "Tu Shalt Kill", uma amarga diatribe *antiestablishment* escrita um par de anos antes por ocasião da morte de Dylan Thomas, um texto um tanto quanto semelhante e que provavelmente influenciou o poema de Ginsberg:

You are murdering the young men. . . .

You,
The hyena with polished face and bow tie,
In the office of a billion dollar
Corporation devoted to service;
The vulture dripping with carrion,
Carefully and carelessly robed in imported tweeds,
Lecturing on the Age of Abundance;
The jackal in double-breasted gabardine,
Barking by remote control,
In the United Nations . . .

[Você está assassinando a juventude.
Você,
Hiena com face polida e gravata-borboleta,
Nesse escritório de um bilhão de dólares que a
Corporação deu para você tomar conta;
Urubu que goteja carne putrefata,
Negligente e cuidadosamente vestido em tecidos de lã importados,
Dissertando a Idade da Abundância;
Chacal em gabardine com duas fileiras de botões,
Latindo através de um controle remoto,
Nas Nações Unidas. . .](8)

Além destes três temas principais, "sexo, misticismo e revolução", há epigramas satíricos (este aqui aborda a arte culinária britânica) —

How can they write or paint
In a country where it
Would be nicer to be
Fed intravenously?

[Como podem escrever ou pintar
Em um país onde
Seria mais agradável ser
Alimentado por via intravenosa?](9)

Elegias (eis uma em memória de sua primeira esposa, Andrée) —

I know that spring again is splendid
As ever, the hidden thrush
As sweetly tongued, the sun as vital —
But these are the forest trails we walked together,
These paths, ten years together.
We thought the years would last forever,
They are all gone now, the days
We thought would not come for us are here.

[Eu sei que a primavera é novamente esplêndida

Como sempre, o sabiá escondido
 Como canta docemente, o sol como é vital —
 Mas estas são as trilhas da floresta onde caminhamos juntos,
 Estes caminhos, dez anos juntos.
 Pensávamos que os anos sempre durariam,
 Eles são passado agora, os dias que
 Pensávamos não viriam para nós estão aqui.](10)

Cenas familiares (neste aqui que pode parecer estranho para pessoas desta nossa era cada vez mais analfabeta, ele está pescando enquanto um das filhas está sentada por perto lendo Homero) —

Mary is seven. Homer
 Is her favorite author.
 . . . She says, “Aren’t those gods
 Terrible? All they do is
 Fight like those angels in Milton
 And play tricks on the poor Greeks
 And Trojans. I like Aias
 And Odysseus best. They are
 Lots better than those silly
 Gods.”

[Mary tem sete anos. Homero
 É o autor favorito dela.
 . . . Ela diz, “esses deuses não são
 Terríveis? Tudo que eles fazem é
 Brigar como esses anjos do Milton
 E brincar de enganar esses pobres gregos
 E troianos. Eu gosto mais de Aias
 E Odisséia. Eles são
 Bem melhores que esses tolos
 Deuses”.](11)

E uma variedade de outros gêneros numerosos demais para poder citá-los todos — letras de música (melodias populares, tons elizabetanos, Erik Satie, Duke Ellington, Ornette Coleman); meditações budistas no Japão, recitais para koto e shakuhachi (“The Silver Swan,” “On Flower Wreath Hill”); poemas femininos místico-eróticos o qual ele fingiu ter traduzido de uma jovem japonesa (“The Love Poems of Marichiko”); rimas surreais de Mother Goose e o subversivo “Bestiary” para suas crianças; reminiscências cômicas (“Portrait of the Author as a Young Anarchist”), eróticas (“When We With Sappho”) e nostálgicas (“A Living Pearl”); o memorial das revoluções reprimidas (“From the Paris Commune to the Kronstadt Rebellion”); cartas abertas (“A Letter to William Carlos Williams,” “Fundamental Disagreement with Two Contemporaries” endereçadas a Tristan Tzara e André Breton); e [traduções](#) do grego, latin, francês, espanhol, italiano, chinês e japonês (incluindo muitos volumes de poetisas orientais). [Muitos destes poemas estão já disponíveis [online neste website](#).]

Algo especialmente característico da poesia de Rexroth é o modo como ele relaciona os tópicos mais discrepantes e aparentemente até mesmo incongruentes. Embora imerso na natureza, ele sempre permanece atento ao mundo humano, esta justaposição dos dois reinos é entrecortada tanto por sentimentos naturalísticos como por trivialidades civilizatórias. Observando as constelações, ele pressente a Guerra Civil Espanhola (“Requiem for the Spanish Dead”). Escalando as montanhas ele se lembra de Sacco e Vanzetti (“Climbing Milestone Mountain”, “Fish Peddler and Cobbler”). Relações eróticas se entrelaçam evocando elegantes relações matemáticas que ordenam o universo (“Golden Section,” “Theory of Numbers”). Os devaneios de Elegiac vagueiam da poesia para a história e da natureza para a sociedade:

The centuries have changed little in this art,
 The subjects are still the same.
 “For Christ’s sake take off your clothes and get into bed,
 We are not going to live forever.”
 “Petals fall from the rose,”
 We fall from life,
 Values fall from history like men from shellfire,
 Only a minimum survives,
 Only an unknown achievement.
 They can put it all on the headstones,
 In all the battlefields,
 “Poor guy, he never knew what it was all about.”
 Spectacled men will come with shovels in a thousand years,
 Give lectures in universities on cultural advances, cultural lags. . . .
 This year we made four major ascents,
 Camped for two weeks at timberline,
 Watched Mars swim close to the earth,
 Watched the black aurora of war
 Spread over the sky of a decayed civilization.
 These are the last terrible years of authority.
 The disease has reached its crisis,
 Ten thousand years of power,
 The struggle of two laws,
 The rule of iron and spilled blood,
 The abiding solidarity of living blood and brain.

[Os séculos pouco mudaram nesta arte,
 Os temas ainda são os mesmos.
 “Pelo amor de Deus, tire suas roupas e vá para a cama,
 Nós não vamos viver para sempre”.
 “As pétalas caem da rosa”.
 Nós caímos da vida,
 Valores caem da história como os homens no fogo da artilharia,
 Só uma pequena parte sobrevive,
 Só um desconhecido se realiza.

Podem escrever isso nas lápides,
 Em todos os campos de batalha,
 “Pobre rapaz, ele nunca soube o que significou aquilo tudo”.
 Homens com óculos virão com pás em mil anos,
 Darão conferências em universidades em fomentos culturais, atrasos culturais. . .
 Este ano nós fizemos quatro grandes progressos,
 Acampamos durante duas semanas no limite da floresta,
 Observamos Marte bem longe da terra,
 Observamos a aurora negra da expansão de guerra
 Sob o céu de uma civilização decadente.
 Estes são os últimos terríveis anos da autoridade.
 Essa doença alcançou sua maior crise,
 Dez mil anos de poder,
 De luta entre duas leis,
 Do governo do ferro e derramamento de sangue,
 Da solidariedade permanente entre o sangue vivo e cérebro].(12)

Eu cito esta passagem bem típica para dar uma idéia do tom e do fluxo de sua poesia; mas é difícil precisar sua amplitude e sua complexidade sem citar páginas inteiras. Tudo isso pode ser visto especialmente nos “devaneios filosóficos” retirados de *Collected Longer Poems*. O mais longo e mais interessante, [The Dragon and the Unicorn](#), descreve uma viagem que fez à Europa, a narração cronológica de suas viagens e encontros é entremeada por perspicazes comentários culturais e políticos e por passagens filosóficas ou místicas bem abstratas. A última parte funciona como um contraponto à narrativa, movendo-se independentemente, às vezes sem relação aparente com ela; às vezes parecendo fazer um comentário (a descrição de um encontro boêmio é seguido por um discurso sobre o dilema de pessoas isoladas em um mundo de reificação); às vezes colidindo com isto (a denúncia de alguma realidade social miserável é seguida por uma visão de comunidade universal). Rexroth destaca que o comentário destas passagens deveria ser considerado como um grão de sal — elas fazem parte de um diálogo interno e são justapostos freqüentemente com pontos de vista complementares ou contrastantes. Em uma passagem, por exemplo, ele declara: “O único Absoluto é a Comunidade de Amor no final dos Tempos”.(13)

enquanto que em outra ele declara: “O Absoluto como uma comunidade de amor. Duvido que eu acredite nisso, mas parece ser a metáfora metafísica mais saudável de todas”.(14)

Considero os devaneios filosóficos de Rexroth bem mais interessantes que os trabalhos paralelos de T.S. Eliot e Ezra Pound — dois poetas que ele cordialmente repugnava e cuja influência combateu durante toda sua vida. O melhor que se pode dizer deles é que foram “grandes” poetas (entretanto até mesmo isso é discutível), mas Rexroth é certamente um dos mais sadios e mais sábios. Ele não tem nada do esnobismo de Eliot, e nem um pouco de seu afetamento neurótico. Até mesmo seu aspecto mais ríspido está longe da excentricidade, obsessão e auto-indulgência de Pound. É possível encarar suas reflexões seriamente sem ter que se dobrar a alguma ideologia reacionária absurda.

Durante o reinado de Eliot, Rexroth considerou a maior parte da poesia americana como “materiais acadêmicos sombrios produzidos por pessoas insignificantes que conduzem,

entorpecem, diminuem, a vida acadêmica. Em determinados círculos imaginava-se quão terrivelmente antiquado era escrever sobre qualquer coisa tão vulgar como amor, morte, natureza — coisas reais que acontecem com pessoas reais".⁽¹⁵⁾

Ele freqüentemente alertava as pessoas contra esse tipo de atitude, insistindo em sua relevância. Falando da poesia do jazz, ele a considerava apesar de suas aparentes inovações "um retorno à poesia da música e ao entretenimento público como nos tempos de Homero ou dos trovadores. Quando os poetas lidavam com aspectos da vida que tendiam a ser deixados de lado".⁽¹⁶⁾

Quando Eliot pontificou a necessidade da "tradição" qualificando William Blake como um excêntrico ingênuo que compôs seu sistema do nada, Rexroth observou: "A tradição de Sr. Eliot remonta Aquinas interpretado pela L'Action Française. A de Blake remonta à Teologia de Memphite e os Textos da Pirâmide".⁽¹⁷⁾

Enquanto os poetas acadêmicos seguiam a doutrina pseudo clássica de Eliot que defendia uma poesia "impessoal", Rexroth escrevia poemas clássicos em seu mais verdadeiro sentido, amadurecido com respostas pessoais aos reais assuntos de vida -- diretamente na tradição de Sappho, Petronius, Hitomaro, Tu Fu e os outros poetas clássicos ele mesmo traduziu.

Rexroth às vezes desqualificava suas composições como mero "jornalismo" escrito para pagar o aluguel enquanto procurava trabalho como poeta, mas nesse ponto que eu nunca o levei a sério. Ele é certamente um de meus poetas favoritos, mas como ensaísta acho que ele tem um estilo único. Não conheço nenhum outro tão brilhante e saudável, com uma mente tão ampla, expressiva e abrangente. Ele intitula uma de suas coleções de ensaios aludindo ao senso original de Montaigne da palavra *ensaio*: tentativa, teste, experiência, tentar envolver-se com a realidade. Um das composições nesse volume homenageia outro escritor com quem se assemelha de vários modos: "Aqueles que riem, cuspiendo tabaco, enquanto lêem livros de viagem, dando a Mark Twain a reputação de número um, e torcem o nariz para autores como Van Wyck Brooks, estão fundamentalmente certos. Mark Twain sempre dava uma dimensão humana a São Pedro, às pirâmides ou ao Panteão".⁽¹⁸⁾

Rexroth é assim. Embora mais sofisticado que Twain, é menos granuloso, mas tem o mesmo gosto, a mesma ironia mundana-e-sábia, a mesma travessura, ceticismo, aquela perspectiva que nasce da terra e eleva-se acima dela, como tão bem pode ser visto em seu [essay on American humor](#):

Estas são as grandes palavras chave — clássico — épico — homérico — humor. O sentido do consistente princípio de incongruência com o qual a Natureza, além de toda nossa ciência e filosofia, realmente opera. A compreensão de que a versão oficial de qualquer coisa é provavelmente falsa, e de que toda a autoridade está baseada em fraude. A coragem para confrontar e agir diante destas duas conclusões. A avaliação da alegria maravilhosa dos processos de procriação e eliminação humana. A aceitação do fato principal que ninguém fez isso que modo que tudo — simplesmente aconteceu..... A vida é sobretudo uma grande piada — mas só os bravos atingem esse ponto essencial.⁽¹⁹⁾

Eu não quero dar a impressão que ele não passava de um filósofo de barril de bolacha [N.T.:

no original *crackerbarrel*]. A maioria dos autodidatas têm muitos pontos cegos, mas Rexroth parece quase ter explorado sistematicamente todas as áreas do empreendimento humano, muitas delas profundamente. Sua gama de leituras era verdadeiramente surpreendente — histórias, livros de receitas, guias da natureza, prospeções geológicas, informes etnológicos, polêmicas políticas, tratados teológicos, uma *Encyclopaedia Britannica* ambulante. . . Apenas na rádio KPFA ele comentou vários milhares de livros, o que representou apenas uma linha secundária de público-serviço (um programa de meia hora todas as semanas durante vinte anos).

Mesmo assim ele não parece a imagem do livresco. Se ele escreve sobre ciência chinesa antiga, [American Indian songs](#), as pinturas de Van Gogh ou “Rimbaud como Aventureiro Capitalista”, toda essa erudição é digerida, conectada, e fundamentada pela experiência pessoal. Suas composições jazzísticas [veja [Some Thoughts on Jazz](#) e [Five More Articles on Jazz](#)], por exemplo, revelam um conhecimento da sonoridade em seus aspectos técnicos (comparáveis à música clássica, etc.), mas ele destaca acima de tudo sua história humana, seus papéis sociais, as vidas de seus criadores, as condições de seu desempenho. Recordando a dança nos clubes de jazz nos anos vinte, narrando uma conversa com Charlie Parker ou Charlie Mingus sobre a mística das batidas de jazz, ou (discutindo a conexão da música com os ritmos do sexo, da dança e do trabalho), ou fazendo observações como: “qualquer pessoa com alguma experiência na área sabe que o ritmo de uma verdadeira balada de vaqueiro ocorre em ‘tempo de trote’, mas que você pode mudar o trote de seu cavalo mudando o ritmo de sua canção”.⁽²⁰⁾

De vez em quando, particularmente nos artigos mais efêmeros tirados no último minuto, ele aparece com alguma extravagância ou até mesmo um pronunciamento absurdo. Mas em geral acho suas opiniões muito bem fundadas. Você pode não concordar com tudo que ele escreve (muita coisa em todo caso pode ser apenas uma questão de gosto), mas o que ele diz é quase sempre provocante. Criticando a superficialidade das sátiras de Ionesco, ele diz: “Uma arte satírica que só bate em cachorro morto..... leva a audiência a um confortável sentimento de divertida superioridade”.⁽²¹⁾

Rexroth prefere esvaziar suas próprias ilusões para tornar as coisas mais claras ao entendimento.

Ele disse que tentava escrever como falava, e conseguia. Sua autobiografia e muitas das suas composições não eram na realidade de forma alguma “escritas”, mas faladas ad libitum, registradas e transcritas com um mínimo de edição. Em alguns momentos, porém, ele parece divagar, pular espontaneamente de um tópico ao outro, quando ele termina você percebe quão inteiramente ele chega ao coração do assunto. Em sua composição sobre Marcus Aurelius ele procura demonstrar o quanto a filosofia degradou-se desde que se afastou dos assuntos reais da vida. É fácil perceber isso nessa tirada divertida, inesquecível: “Se a mãe de um estudante de faculdade morresse, sua namorada engravidasse, adquirisse uma doença repugnante, ou decidisse se tornar um objetor de consciência, ele procuraria seu professor de filosofia para pedir conselho?”⁽²²⁾

Ele sempre procura o fundamento das coisas. Sua essência usualmente pode ser compreendida na primeira leitura, mesmo que você não tenha familiaridade com os livros e

idéias a que ele recorre; mas sempre há bastante espaço para você afundar seus dentes, e muitas sugestões intrigantes para explorações adicionais. Eu li algumas de suas composições tantas vezes conheço-as praticamente de cor, contudo cada vez que volto a elas descubro coisas que antes não tinha notado. Até mesmo quando ele aborda tópicos pelos quais não tenho nenhum interesse particular, ainda acho difícil de passar por cima. Não apenas por ele ter um estilo atrativo, mas pela amplitude de sua visão colocar sua abordagem sob uma nova perspectiva.

Ele tem um estilo atrativo, reconhecível, contudo tão matizado quanto seus tópicos. Ele pode ser livre e calmo ("muitas das músicas de Mozart parecem um menino assobiando enquanto caminha em direção à piscina"),⁽²³⁾

ou completo em seu comentário sobre Hamlett ou Chandler: "O segredo deste tipo de obra é que não compra nem vende nada".⁽²⁴⁾

Com apenas uma frase ele evoca o mundo lídiche de Isaac Singer ("esses argumentos apaixonados que borrifavam os bigodes com nata azeda")⁽²⁵⁾

ou abordando o mordente e cínico estilo de Tácitus ("um estilo semelhante a uma bandeja de instrumentos dentais").⁽²⁶⁾

Mas ele sabe que "estilo nunca é apenas uma questão de estilo, mas também o sinal externo, a vestimenta de um estado espiritual interno".⁽²⁷⁾

Se ele discute a prosódia de um poeta, não como mero exercício acadêmico: aquilo que ele mostra reflete um modo de olhar as coisas, uma resposta para vida. Por exemplo, Denise Levertov possui "um tipo de graça animal da palavra, como o pulo de um gato ou o vôo de uma gaivota. É a intensa vivacidade de um amor doméstico alerta — o casamento da forma com o conteúdo em poemas que sempre celebram um tipo de casamento perpétuo de duas pessoas tidas como duas sensibilidades responsáveis".⁽²⁸⁾

Lendo suas discussões estéticas volta e meia você dá de cara com alguma reunião social mundano-sábia ou alguma conexão moral ou psicológica. "A interioridade do caráter [nos romances de Defoe] é revelado por uma elaborada descrição exterior. Quando eles falam sobre seus próprios motivos, sua psicologia, suas moralidades, suas auto-análises e auto-justificações elas são lidas às avessas, como é naturalmente verdadeiro na maioria das pessoas".⁽²⁹⁾

Como carvoaria das imbecilidades culturais de massa, Rexroth pode ser tão divertido quanto H.L. Mencken —

Esse material ["literatura proletária" maoísta] é ridículo, parece aquela história de escola dominical do século dezenove onde o pequeno menino romano ajuda sua irmã escapar dos leões, desafia o imperador, resolve as coisas para São Paulo e vai para céu.⁽³⁰⁾

E ainda com severidade —

A televisão é projetada para despertar os desejos mais perversos, sádicos, aquisitivos. Ou seja, um programa infantil é uma real visão de inferno, isso

acontece apenas porque estamos tão acostumados que nem percebemos. Se Virgílio, Dante ou Homero, pessoas que tiveram visões do inferno, vissem esses programas, certamente ficariam assustadas.⁽³¹⁾

Aquilo que há de mais conservador em Rexroth lembra o que há de mais profundo e radical em Mencken. Mas enquanto Mencken se deleita com virtuais e indiscriminadas agressões verbais em favor de sua própria causa, a desilusão de Rexroth se situa sempre no contexto de uma visão positiva. Por mais enfurecido ou pessimista que eventualmente possa ser, ele é um mundo aparte daquele cinismo lisonjeiro típico dos modernos entrelaçamentos humanos que não são outra coisa senão uma relação dependente de amor-ódio, manifestação delirante de alienação cultural. Ele sempre coloca a real vida humana como uma resultante do sistema desumano:

Diariamente todos os estados fazem coisas que, se fossem atos de indivíduos, conduziriam à prisão e freqüentemente à execução. A maioria das pessoas, com exceção dos políticos e dos autores, desenvolvem para si mesmos, em segredo, um modo de viver que ignora a sociedade organizada tanto quanto possível. Aquilo que consideram "crescimento", "agir com bom senso", é em grande parte uma aprendizagem de técnicas para burlar as forças mais destrutivas ao longo da grande ordem social. O homem maduro vive quietamente, age reservadamente, assume responsabilidade pessoal pelas suas ações, trata os outros com amizade e cortesia, acha a turbulência enfadonha e fica fora dela. Sem esta conspiração oculta de boa vontade a sociedade não duraria uma hora.⁽³²⁾

Se a maioria das pessoas faz isto ou não, o fato é que Rexroth insinua claramente sua própria ética pessoal. Ele vasculhou suficientemente ao seu redor para ver aquilo que chama de [the Social Lie](#) ou a Grande Fraude — sabe que a “versão oficial de qualquer coisa é provavelmente falsa e que toda autoridade está baseado em fraude”. “Um número apreciável de americanos realmente acredita na Grande Fraude da cultura de massa, aquilo que o francês chama de *hallucination publicitaire*. Eles só sabem o que lêem nos documentos. Eles pensam que é realmente como nos filmes. . . . A arte de ser civilizado é a arte de aprender ler entre as mentiras”.⁽³³⁾

”Esta é um das pedras de toque básicas de Rexroth. Aqueles que lêem entre as mentiras são pelo menos neste ponto seus aliados, os demais incorrem em erro. “Há muita merda em Lawrence, Miller, ou Patchen — mas seus inimigos são meus inimigos”.⁽³⁴⁾

Ele ri de [Henry Miller](#) como pretendo pensador profundo ou utópico, mas o aprecia enquanto grande autobiógrafo picaresco com uma imunidade instintiva à Mentira Social:

Lembra quando leu pela primeira vez? Sem dúvida você pensou que algum dia acharia a verdade nos livros, mas a resposta para os muitos segredos da vida você descobriria ao seu redor. Mas você nunca fez isso. Se estivesse atento, descobriria que livros eram convenções, que a vida difere de um jogo de xadrez. A palavra escrita é uma peneira. A realidade acaba na medida do tamanho e da forma da tela, e de forma que nunca é suficiente.... A maior parte da real dificuldade de comunicação vem da convenção social, da vasta conspiração por

concordar em aceitar o mundo como algo que ele realmente não é. . . .

A literatura é um mecanismo de defesa social. Recorde novamente quando você era uma criança. Você pensou algum dia crescer e encontrar um mundo de reais adultos — pessoas que realmente faziam as coisas funcionar — e entender como e por que as coisas funcionam. ... Então, com o passar dos anos, você aprendeu, através de experiências mais ou menos amargas, que não existem, nem nunca existiram tais pessoas, em parte alguma. A vida é toda bagunçada, cheia de crianças altas, crescidas mas estúpidas, menos alertas, menos elásticas, e ninguém sabe por que diabos isso acontece — em toda parte, ou em cada lugar. *E ninguém se dá conta disso.*

Henry Miller conta. Andersen contou *sobre* o pequeno menino e as roupas novas do Imperador. Miller é o próprio pequeno menino. Ele conta sobre o Imperador, sobre as espinhas em suas costas, as verrugas na bunda, e a sujeira entre os dedos dos pés. Outros escritores no passado fizeram isto, naturalmente, eles são grandes escritores, realmente clássicos. Mas eles fizeram isto dentro das convenções literárias. Eles usaram as formas da Grande Mentira para expor a verdade.⁽³⁵⁾

Eu nunca vi qualquer outro crítico literário escrever algo assim. Rexroth é mais educado e seguro que Miller, mas tem a mesma visão inocente, a mesma falta de reverência para com a "literatura-com-um-capital-L", seja revisando escritores modernos ou reavaliando obras chaves do passado.

A maioria de seus ensaios posteriores estão contidos em dois volumes [*Classics Revisited*](#).⁽³⁶⁾

Esta é certamente uma seleção mais pertinente que a maioria das escolhas dos “cem maiores livros”. Para mencionar apenas uma diferença significativa, a maioria de tais listas se limitam a obras ocidentais — um provincialismo que é ridículo em nossos dias e em nosso tempo. Rexroth visita a maioria do clássicos ocidentais reconhecidos, mas ele também introduz o leitor a vários outros que são igualmente interessantes, inclusive obras orientais básicas como *Mahabharata*, *Tao Te Ching*, e o que ele considera os dois maiores romances do mundo, *The Tale of Genji* de Lady Murasaki e o chinês *Dream of the Red Chamber*.

Gilgamesh (“a primeira autoconsciência”) uma velha história do Oriente Médio, *História* de Heródoto, *Bhagavad Gita*, Finnish *Kalevala* (“a mais ecológica das epopéias”), a poesia de Tu Fu, os ensaios de Montaigne (“o inventor do ego empírico”), *Don Quixote*, *The Tempest*, as memórias de Casanova (“homem natural vivendo no mais alto patamar”), *The Red and the Black* de Stendhal (“a primeira comédia negra”), *War and Peace* e *Huckleberry Finn* ambos são “documentos básicos na história da imaginação” cuja pertinência Rexroth revela nestes pequenos ensaios incrivelmente expressivos. Leste ou Oeste, antigo ou recente, ele supera as distâncias históricas e culturais para fazer conexões de longo percurso. A sensibilidade de Catullus “é a matéria prima das letras de Bob Dylan”. As características de *Njal's Saga* “são adultas de um modo desconhecido para o Agamemnon de Homero ou o Swann de Proust”. “A maior parte das grandes baladas britânicas poderiam ser transformadas em jogos de Nô e vice-versa”. Baudelaire chega à seguinte conclusão “nada como o Budismo em toda sua

plenitude”.

Parte do interesse destes trabalhos vem naturalmente do seu contraste com o presente, na revelação de como as pessoas em outros tempos e lugares viviam e pensavam. Mas Rexroth sempre destaca as coisas que permaneceram iguais em meio às diferenças. “*On the Road* de Kerouac difere vastamente de *The Satyricon* em falta de perspicácia, ironia, e habilidade literária, mas suas características são todas tiradas da mesma classe inalterada”. *Les Liaisons Dangereuses* de Laclos “assume um mundo como o de nossas celebridades, nossos Jet Sets internacionais. . . . Trata-se de uma descrição de pessoas que conhecemos”.

Alguns escritores pressagiaram nossa condição presente de uma forma bem direta: William Blake “diagnosticou os primeiros sintomas de um mundo doente porque ele os viu como um indicativo de que o homem estava sendo literalmente privado de metade de seu ser. . . . Ele de fato se preocupa com a tragédia épica da humanidade na medida em que ela entra em uma época de despersonalização sem igual na história”. Baudelaire “é o fundador da sensibilidade moderna Alguns aprendem a lidar com esta sensibilidade. Ele estava sob sua mercê, porque ele a encarnava totalmente. Ele viveu em uma crise permanente de sistema nervoso moral. Sua convicção de que as relações sociais eram uma imensa mentira era fisiológica”.

Em outros casos não há qualquer conexão direta, mas um paralelo luminoso: “Durante a longa guerra com Sparta, a vida ateniense ficou extensamente neurótica. Um tipo novo de doença interpessoal entrou em vigor. Os órgãos da reciprocidade estavam aleijados. As palavras para as relações humanas perderam seus significados e se transformaram em seus opostos. Thucydides descreve este desarranjo comunicativo em uma de suas maiores passagens, uma diagnose da internalização da loucura da guerra que parece uma descrição de América contemporânea”.

Por outro lado, *Leaves of Grass* de Whitman, uma ostensiva celebração da América de seu tempo, na realidade antevê “uma ordem social cuja essência é a liberação e universalização do ego-oculto”. Seus personagens “parecem estar todos trabalhando por ‘nada’, participantes de um esforço criativo universal no qual cada um descobre sua última individualidade. . . Hoje nós sabemos tratar-se de uma visão de Whitman nada mais”.

Se um trabalho representa um momento decisivo do passado ou pressente um futuro potencial, o último teste de Rexroth é se essa obra permanece verdadeira no que diz respeito às realidades humanas perenes, é isso o que realmente “conta”. Comentando algumas recentes traduções das tragédias gregas, ele diz:

Dizem que nossa civilização está baseada na Bíblia, em Homero e nos autores das tragédias gregas. Para meu gosto, a Bíblia é um livro perigoso, porque pode ser, e foi, com poucas exceções, interpretada como garantia de um viver que a vida na realidade nunca proporcionou. Em volumes como os de Homero, por exemplo, a vida é apresentada como realmente é, os homens são apresentados como realmente somos, espancando nossas esposas, enganando o dono da mercearia, planejando nossas sociedades perfeitas, concorrendo a um cargo, ou escrevendo nossos poemas — mas projetados contra os céus vazios e esplêndidos, isso os torna nobres. Fora os costumes e a linguagem culta, permanece o mesmo orgulho, a mesma destruição que assombra Orestes, o auditor público, a dona de casa, o

vendedor de automóvel. As pessoas seriam bem mais agradáveis, e bem mais felizes, se apenas soubessem disso. Aqui está a oportunidade delas aprenderem.

Fim do capítulo 1 de “Erotismo, Misticismo e Revolução” de Ken Knabb. Versão original: [The Relevance of Rexroth](#) (1990).

Capítulo 2: Magnanimidade e Misticismo

Hofuku (apontando para as montanhas): “Não é isso a Realidade?”

Chokey: “Sim, é, mas é uma pena ter que dizê-lo”.

(R.H. Blyth, *Zen in English Literature and Oriental Classics*.)

Se tivesse que escolher um único texto para mostrar o que mais gosto em Rexroth, escolheria provavelmente seu ensaio sobre a novela clássica chinesa. No parágrafo a seguir, Rexroth descreve as virtudes que caracterizam estes extensos e maravilhosos livros:

Quais são estas virtudes? A primeira, um absoluto domínio da técnica narrativa. A segunda, sua humanidade. Em terceiro lugar e como uma síntese das anteriores, todo um grupo de qualidades que deveriam resumir-se em apenas uma: descrição, humildade artística, maturidade, objetividade, compaixão, a habilidade de revelar o macrocosmos através do microcosmos, o universo moral no ato físico, a profundidade da visão psicológica nos fatos mais insignificantes, tudo isso sem mencionar em absoluto as “grandes questões”. Isto é uma qualidade de estilo. É a qualidade fundamental do melhor estilo. Tem um nome, se bem que não seja um termo que consideremos próprio para a crítica literária. Esta palavra é magnanimidade. Seu antônimo, diria eu, é complacência consigo mesmo.

Rexroth se lamenta da autocomplacência, que é substancial, de uma ou outra forma, em quase todos os escritores do século XX, desde Proust e Henry James até Kerouac e seus seguidores. Apenas uma importante exceção com *Parade's End*⁽⁸⁾ de Ford Madox Ford, a única “grande novela completamente adulta de minha época”:

Ford não precisou de sua tese, provavelmente nem sabia que tinha uma no sentido estrito da palavra. Suas personagens não filosofam sobre nada. Não inundam suas cabeças com termos psicológicos. Não nos mostram o fluir de suas consciências. Tudo ocorre como na própria vida e o leitor simplesmente fica com os fatos — brutais, estúpidos ou maravilhosos, como eles são. Quão fácil é ser artista e quão difícil é ser maduro!

As variações sobre este tema são algo recorrente na obra de Rexroth. Sobre o grande teatro nos diz: “Deve conter profundidade moral e psicológica, mas esta apenas poderá ser

descoberta por aqueles espectadores que já a possuem dentro de si mesmos. Estas qualidades não devem tornar-se explícitas pois arruinariam o efeito dramático". Mesmo assim, compartilha a opinião de Ford, segundo a qual Dostoiévsky *"demostrou um terrível mau gosto ao fazer suas personagens discutir a profundidade da novela na qual eles tomavam parte".* *"As almas atormentadas de suas novelas não são seres maduros. Falam interminavelmente sobre tudo aquilo que as pessoas maduras sabem que é melhor manter o silêncio. O drama deixa de impressionar o leitor quando se apresenta de maneira tão loquaz que inclusive acaba deixando de ser confiável".* Rexroth tem uma predileção especial por esses escritores que personificam uma sabedoria tranqüila, modesta e natural, como por exemplo, o biógrafo e pescador Izaak Walton, o naturalista amador Gilbert White ou o antiescravista quacre John Woolman, ao mesmo tempo em que detesta a vanidade de alguns artistas que glorificam sua suposta missão neste mundo:

*Miquelângelo foi sem dúvida
um homem ruidoso e terrivelmente
soberbo. Depois de tudo, nunca
lhe ocorreu nada que
não ocorresse a qualquer um de nós.
Se tens alguma tragédia para
representar, deverias fazê-lo
com humildade, porque estás servindo
o pão da comunhão.*

Em seu ensaio sobre as obras de Júlio César nos diz: *"Magistralmente oculto em A Guerra dos Gálias e em A Guerra Civil se encontra um filósofo das relações humanas que só uma pessoa madura poderia compreender ou mesmo reconhecer. A arte de dissimular assim é, por conseguinte, uma demonstração de maturidade".* O mesmo se poderia dizer das obras do próprio Rexroth. Devido ao propósito deste livro, eu não posso ir além de citar suas palavras mais destacadas em referência ao que agora comento. Sem embargo, se o leitor repassasse toda sua obra, veria que Rexroth fala das "grandes questões" com muito tato e que, muitas vezes as deixa implícitas para que sejam lidas nas entrelinhas.

Se, pelo contrario, revelou em alguma ocasião sua própria filosofia de vida e resumiu seus pontos centrais em uma só palavra, foi em seu ensaio sobre a novela chinesa citado anteriormente, que continua assim:

Durante a segunda guerra mundial conheci um ancião quaker de pequena estatura em uma granja de Indiana, que viajava por conta própria por todo o país. Nas reuniões dominicais se levantava e tomava a palavra para lermos a definição de magnanimidade dada pelo dicionário Webster. Dizia que guardássemos "este texto porque nos poderia ser de grande utilidade". Esta é a definição:

"Magnanimidade; (Magnânimo) 1. Grandeza de alma; nobreza de sentimentos; clemência; generosidade; a qualidade ou combinação de qualidades de caráter que permite à pessoa enfrentar o perigo e os problemas com tranqüilidade e firmeza, rechaçar a injustiça, a mesquinha e a vingança e atuar de maneira sacrificada por causas nobres. 2. Um efeito ou uma disposição caracterizada pelo magnânimo. 3. Temperamento grandioso; singularidade de alma".

Depois de recitar tudo isso para nós, o ancião quaker se sentava e voltava a aparecer na semana seguinte na outra reunião. Estas palavras representaram uma grande ajuda para mim naqueles anos horríveis, muito mais que qualquer outro conselho que pudessem me brindar.

Nenhum artista de primeira linha se converteria em vítima de suas próprias criações. Apenas esta classe especial de nobreza garantiria a independência dos verdadeiros criadores. Homero a tinha, mas Dante não. É um tipo de valor, como o das famosas palavras de Samuel Johnson: “A valentia, senhor, é a primeira das virtudes porque sem ela é muito difícil, às vezes, exercer as outras”.

É a valentia para sublevar a inevitável “destruição de todo o bem”, para enfrentar o fato de que “o amor não dura eternamente, que os amigos se atraíam entre si, que a beleza se esvai, que os poderosos deslizam em sangue, e que suas cidades queimam”. Rexroth coincide com a “mensagem” de Homero e a resume com suas próprias palavras ao dizer que o universo por si só não tem sentido algum, tudo é efêmero, os únicos valores são aqueles que a gente cria em nossas relações com os demais: “A única coisa que perdura, ou que dá valor à vida é a camaradagem, a lealdade, a valentia, a magnanimidade, e o amor, as relações humanas enquanto comunicação direta. É daqui, e de nenhuma outra parte, que surge a beleza da vida, sua tragédia e seu sentido”.

Isso pode soar muito “existencial”, mas nada é mais distante a Rexroth que aquilo que ele chama de “angustia pela angustia”, algo que ele qualifica como uma “metafísica apropriada para coelhos paralisados”. “O suposto dilema existencial não me diz nada em absoluto. Seu inventor Soren Kierkegaard sempre me pareceu um homem enfermo que se comportava horrivelmente com sua noiva, um homem ‘necessitado de uma terapia urgente’, como diriam os psiquiatras. (...) Pessoalmente, eu não vejo minha existência em constante e espantoso conflito com a realidade. Minha existência me agrada”.

Se Rexroth evoca em alguns momentos “o sentido trágico da vida”, em outros nos revela uma consciência mais mística. Estas duas atitudes poderiam parecer por princípio contraditórias, sem embargo ele as considera como perspectivas complementares e igualmente válidas. Algumas vezes as contrasta, como sucede na dialética em suas fantasias filosóficas. Outras vezes as combina, como nas obras de teatro que tratam temas das tragédias gregas, mas que, da mesma forma que as oras japonesas do teatro Nô, culminam em uma solução transcendente de enredo do karma em vez de acabar com o típico desenlace dramático.

Rexroth qualifica seu ponto de vista como um “anarquismo religioso” ou um “misticismo ético” e, em vez de entrar em detalhes, nos remete a algumas de suas principais influências: “Para uma maior clareza se pode acudir às obras de Martin Buber, Albert Schweitzer, D.H. Lawrence, Boehme, D.T. Suzuki⁽⁹⁾, Piotr Kropotkin, ou inclusive os Evangelhos e as palavras de Buda, Lao Tze e Chuang Tze”. Esta lista pode parecer muito eclética, mas nos dá uma idéia dos diferentes aspectos de sua filosofia “religiosa” que, por outra parte, poderia ser resumida em algumas linhas:

*O que na contemplação
se absorve, no amor
se dispensa.*

Em sua autobiografia Rexroth nos conta uma experiência que teve aos quatro ou cinco anos, quando, no princípio do verão, estava sentado na calçada em frente de sua casa:

Uma consciência, não um sentimento, de felicidade completa mas além do tempo e do espaço se apoderava de mim ou era eu que me apoderava dela. Não quero usar termos como “me extasiava” ou “estava transportado, em transe”, ou qualquer outro que implique que estava sendo possuído por alguma força externa ou algo anormal. Pelo contrário, parecia que este era o modo natural em que transcorria minha vida, e que essa repentina e aguda consciência dela era simplesmente uma questão de atenção em um momento determinado.

Estas experiências “místicas” são mais profundas e duradouras quando associadas à meditação e à disciplina espiritual; mas Rexroth nos dá a entender que todos passamos por estes mesmos estados de consciência em algum momento, embora apenas demos conta deles e sejam facilíssimos de esquecer uma vez que retornamos à voracidade do dia a dia.

A paz que provem do hábito da contemplação (...) não é nem rara nem difícil de encontrar. Se oferece a cada pessoa em certos momentos desde tenra idade, se bem que surge cada vez menos no caso de não haver sido bem recebida. Pode ser alcançada, preparada e cultivada até que se converta em um hábito constante que forme a base de nossa rotina diária. Sem ela a vida é apenas agitação, onde todo sentido e até toda intensidade do sentimento acabam por se extinguir entre o tédio e a desordem.

“No coração da vida”, diz em seu ensaio sobre o *Tao Te Ching*, “há uma minúscula e permanente chama de contemplação”. Mesmo sem saber nada dela, a gente volta instintivamente a este “centro de calma”. Embora esteja ali, mesmo em meio das situações mais turbulentas; algumas circunstâncias lhe são especialmente favoráveis.

Seja que for que escreveu os pequenos salmos do Tao Te Ching sabia que a contemplação da corrente de água é uma das formas mais elevadas de oração. (...) Na realidade muitos desportos são também formas de contemplação, por exemplo e muito especialmente, pescar em águas tranquilas. Muitos homens cuja vulgarização do budismo zen faria rir, e que seguramente o achariam totalmente incompreensível, praticam a vida contemplativa à beira do rio, vara de pescar na mão, pelo menos alguns dias por ano. Da mesma forma que os grandes místicos, eles também sentem que a iluminação desses poucos dias é o que dá sentido ao resto de sua vida.

Os poemas que Rexroth dedicou à natureza são plenos deste tipo de experiência. Nesse que se segue, ele está estendido sob as estrelas:

*Meu corpo está dormindo. Apenas
meus olhos e meu cérebro estão despertos.
As estrelas permanecem quietas ao meu redor
como olhos de ouro. Eu não saberia
dizer onde começa meu ser o onde acaba.
A suave brisa nos obscuros pinos*

*e na erva invisível,
a Terra que se inclina, as estrelas derramadas,
tem um olho que se vê a si mesma.*

As vezes, como é o caso anterior, as experiências estão descritas de uma forma mais ou menos explícita. Mas a maioria delas apenas se deixam entrever:

*Quando arrasto o tronco apodrecido
do fundo das águas,
sinto-o pesado como uma pedra.
Deixo-o sob o sol
durante um mês; e logo o esmigalho
em pedaços, que vou separando
para fazer lascas, e os estendo
para que se sequem mais...*

Essa mesma noite, quando mais tarde sai de sua cabana para mirar as estrelas...

*De repente vi sob meus pés,
estendidos no solo da noite, lingotes
de uma fosforescência ofuscante,
e todo derredor estava coberto de chispas
de uma luz fria, pálida e viva.*

Sem dúvida esta foi a seqüência real dos fatos, mas ao mesmo tempo parecem sugerir um estado interior e uma iluminação que foram paralelos a eles; esta forma alusiva de dizê-lo se corresponde melhor com um processo de “*desprendimento do eu*” como se dissesse “*ele teve tais e tais experiências*”. Como ocorre em muitos dos grandes poemas chineses e japoneses, um estado de espírito pode ser revelado através da clareza por representar, em princípio, uma simples cena objetiva e natural. A paisagem exterior se corresponde com a paisagem interior, o macrocosmos com o microcosmos.

Com um estilo que lembra Whitman, nosso autor evoca às mais amplas imagens e relações:

*O imenso fenômeno sideral
da alvorada converge no horizonte,
reverbera e converge em mim,
e segue seu caminho infinito irradiando
até tocar a última poeira galáctica. (...)
Minha mulher que nadava no dique,
vem até mim pela praia, desnuda,
centilhante de água, cantando alto e claro
contra as ondas barulhentas. O sol atravessa
as colinas e envolve seus cabelos, ilumina
a lua e embeleza o mar.
E no coração das montanhas funde
a neve do inverno e os glaciares
de dez mil milênios.*

Em seus últimos poemas, na maioria escritos no Japão, Rexroth expressa estes momentos de “consciência cósmica” em termos cada vez mais budistas e, sobretudo, com termos da última visão do sutra Avatamsaka (A Grinalda de Flores):

*.... A Rede de Indra,
o infinito composto de infinitos,
a Grinalda de Flores.
Cada universo refletindo
outros universos, refletindo-se
em todos eles...*

Nos poderia dar a impressão de que a obra de Rexroth foi influenciada pelo budismo zen; sem embargo, ele o criticou em muitos aspectos e manifestou ter mais pontos em comum com outras formas de budismo. Arremeteu contra o zen popularizado no Ocidente, qualificando-o de irresponsável e de moda passageira. Mas também criticou o tradicional zen japonês por sua cumplicidade com regimes militares, desde o samurai japonês até a segunda guerra mundial. Parece que tampouco lhe agradou o culto e a adoração ao mestre espiritual que, muitas vezes, são encontrados tanto no zen como em outras práticas religiosas orientais. Rexroth provavelmente reconheceu que a meditação zen é um dos meios mais efetivos para cultivar a paz contemplativa “até que se converta em um hábito constante que forme a base de nossa rotina diária”. Mas também é certo que cria que, ao esforçar-se demasiado em buscar a iluminação, pode-se deixar de lado o essencial. Acredita-se que as últimas palavras de Buda foram: “*Oh discípulos, toda criatura no mundo é mutante por natureza. Luta sem descanso*”. Rexroth, com uma mentalidade mais taoista, nos aconselha:

*Tudo aquilo que foi criado
no mundo é mutante
por natureza.
Vá com calma.*

A verdadeira iluminação, nos diz, não surge como uma experiência buscada por si mesma, mas como um efeito secundário do modo de vida escolhido:

Creio que o desenvolvimento da capacidade crescente de recolhimento e transcendência se consegue mais pelo modo de vida escolhido do que por exercício. O budismo é puro empirismo religioso. Não se fundamenta em crenças, mas apenas na experiência religiosa definida em toda sua simplicidade e pureza. Esta experiência chega a converter-se em uma realidade constante e sempre acessível aos que a praticam. A base disso não é nem fazer ginástica com o sistema nervoso nem ter conhecimentos teológicos. É seguir o “Nobre caminho das oito vias”, cuja culminação é a “calma imperturbável”, o nirvana, que torna-se realidade.

Rexroth não apoiava a idéia de usar drogas psicodélicas como um atalho para conseguir uma visão mística. Quando muito, reconhecia que estas substâncias haviam dado a alguns jovens a possibilidade de vislumbrar uma “vida interior”, que havia sido reprimida pela cultura da classe média americana. Ao falar deste tema gostava de citar São João da Cruz: “*As visões são indícios de uma falta de verdadeira visão*”. Para Rexroth a experiência religiosa

transcendente não é a visão de um mundo diferente e sobrenatural, mas um despertar consciente nesta direção:

Os objetivos reais possuem seu próprio significado transcendental. (...) O sagrado pode encontrar-se em um monte de poeira. (...) A verdadeira iluminação é um hábito cotidiano. Não somos conscientes de que vivemos na claridade das luzes porque não vemos nenhuma sombra projetada. Quando tomamos consciência dela, fazemos da mesma maneira que os pássaros percebem o ar e os peixes a água.

A gente tende a descrever estes momentos de consciência em termos de suas próprias e variadas crenças religiosas, mas na realidade as experiências se parecem muito entre si e se dão também entre gente não religiosa. Embora muitas vezes vá além de nossa compreensão racional, isso não implica necessariamente que se trate de experiências sobrenaturais. Rexroth é bastante claro acerca desta distinção. Está felizmente livre da moda new age e é suficientemente perspicaz para ser arrastado por superstições e pseudo ciências nas quais tantas pessoas tem acreditado e ainda seguem acreditando hoje em dia. Recordando de gente de sua própria geração que, embora inteligente em outros aspectos, tinha fé cega na astrologia ou nas *chácaras* de Reich, nos faz a seguinte observação: “Qualquer um que houvesse estudado física no instituto poderia ver que essas coisas eram totalmente absurdas, mas o problema estava em que estas pessoas havia deixado de crer na física, assim como no capitalismo e na religião. Para eles tudo isso não passava de um mesmo engano”.

Igual ao cético se sente ante as pretensões científicas da moderna psicanálise e da psiquiatria. Em seu divertido artigo “My Head Gets Taken Apart”(“Me dissecaram a cabeça”), nos descreve a ocasião em que recebeu dinheiro de um “Instituto de Investigação” para participar em um experimento de três dias sobre a exploração da “personalidade criativa”. Depois da enorme variedade de baterias de testes, entrevistas e questionários aos que se submeteram, sua conclusão foi:

Que sentido tinha tudo aquilo? Nenhum. (...) Estas mentiras com as quais nossa sociedade se engana a si mesma são muito menos efetivas, e muito menos científicas, que as superstições de outras épocas e de outros povos. Qualquer curandeiro sioux, qualquer sacerdote atento e carinhoso, um ancião com experiência ou qualquer herborista chinês poderia descobrir mais em meia hora do que estas pessoas fizeram em três dias. (...) De minha parte, se pudesse escolher, confiaria mais nos cavernícolas que pintaram as cavernas de Altamira.

Rexroth nos dá a entender que algumas das práticas tradicionais podem possuir, pelo menos de forma intuitiva, um lampejo de lucidez sobre as circunstâncias normais da vida corrente. Sejam superstições ou não, a gente tende instintivamente deixa-se arrastar por aquilo que parece expressar os arquétipos psicológicos ou espirituais: suas relações e suas aspirações, os conflitos internos de toda a vida. “O que se busca na alquimia, nos livros herméticos, na teologia menfita ou nessas manias absurdas como a dos discos voadores, é um esquema fundamental da mente humana expressada de maneira simbólica”. E encontramos ali esses esquemas básicos porque estes provem de mentes basicamente similares às nossas.

O que os agnósticos projetavam na tela de sua profunda ignorância como uma

imagem do universo era, na realidade, uma imagem de sua própria mente. Sua mitologia é um retrato simbólico, quase deliberado, das forças que operam na estrutura e na evolução da personalidade humana, (...) um panorama institucional daquilo que Jung chamou de inconsciente coletivo. (...) (Esta idéia, como Jung destacou, não se refere a que todos partilhemos uma alma misteriosa e coletiva. É uma imagem coletiva porque todos respondemos à vida mais ou menos da mesma maneira, porque todos temos os mesmos atributos fisiológicos). Se a manipulação dos símbolos não nos permite influir no cosmos, nos permite ao menos influir em nossas mentes.

Para Rexroth não se trata de crer ou não na validade objetiva de qualquer sistema oculto ou religioso; o que lhe interessa é o “*mundo interior*”, os “*valores que não podem ser reduzidos a quantidades*” e que encontram sua expressão nestas formas. Na medida em que a religião é uma tentativa de explicar a realidade objetiva, torna-se cada vez mais defasada, já que a Humanidade avança em seu conhecimento; mas poderia dizer-se que sua importância se mantém no que se refere ao mundo interior, à realidade subjetiva:

Idealmente, a religião é a única coisa que permaneceria depois que o homem superasse tudo. (...) Na medida que as interpretações especulativas da religião são derrubadas enquanto explicações da realidade, adquirem o caráter de representações simbólicas de diversos estados da alma. Se subsistem na prática de um culto, dizemos que tem sido levadas a um estado de sublimação. É precisamente sua irracionalidade que faz com que o dogma e o ritual permaneçam vivos. No momento em que estes podem ser reduzidos a explicações baseadas no sentido comum ou podem ser refutados, eles simplesmente se apagam. Apenas sobrevivem os mistérios, porque correspondem a um processo interno na vida do homem, e porque são o sinal exterior de uma realidade espiritual interior.

Rexroth apreciava dizer que, “*religião é algo que se faz, não algo em que se crê*”. Ele estava muito interessado nas festas e nos rituais religiosos e folclóricos de todo tipo, inclusive ao ponto de buscar seus vestígios modernos mais ocultos. “*Pouco importa se papai tem que pagar durante um ano as faturas da primeira comunhão, da barmitzvah, ou do casamento. Por um momento existe ao menos esse reconhecimento, embora seja apenas simbólico, de que mesmo a vida mais pobre e monótona tem uma importância transcendental, e de que nenhum ser humano é insignificante*”. Com esse tipo de espírito ele mesmo participou de diversos rituais religiosos, budistas, vedas, quakers e inclusive católicos:

O que me atrai no catolicismo não é seu cristianismo, mas seu paganismo. (...) A vida litúrgica da Igreja me comove porque evoca as mais antigas respostas ao ciclo dos anos, a mudança das estações e aos ritmos da vida dos homens e dos animais. Para mim os sacramentos transfiguram os ritos da providência. (...) Nos ritos da providência, as relações e as atividades fundamentais da vida: nascimento, morte, relações sexuais, comer, beber, escolher uma vocação, adolescência, enfermidades mortais, enfim, a vida em seus momentos mais importantes se enobrece pela introdução cerimonial da transcendência. O universo inteiro se reflete no acontecimento de uma missa ou em uma cerimônia, que é em si mesma um tipo de dança e uma obra de arte.

Não é necessário dizer que Rexroth se opunha a quase tudo que se referia à Igreja católica exceto seus rituais; mas como muita gente, parece haver tomado parte em práticas religiosas que lhe atraíam, deixando simplesmente de lado aquelas de que não gostava. *“Na atualidade se vê que uma grande parte de nossa sociedade mais culta adota, de forma voluntária, os comportamentos religiosos e as crenças de comunidades mais primitivas, por razões pessoais puramente pragmáticas ou psicológicas”*. Sua prática católica se limitava, acima de tudo, a acudir às cerimônias anglo-católicas que tem mantido os rituais da Igreja romana ao mesmo tempo em que rechaçava sua autoridade dogmática.

De qualquer forma, sempre me me surpreendeu que uma pessoa como Rexroth pudesse ter algo a ver com qualquer igreja cristã. Uma coisa é praticar algum tipo de meditação, ou tomar parte em alguma festa ou ritual, que todo mundo reconhece como uma simples forma de centrar nossa vida e celebrar uma comunhão com os demais; e outra muito diferente é reforçar a credibilidade de instituições repulsivas e de dogmas nocivos, os quais tanta gente acredita. Como o próprio Rexroth disse com um espírito muito diferente:

Durante milhares de anos, homens de boa vontade tem tratado de tornar o judaísmo e o cristianismo moralmente aceitos para homens sensatos e civilizados. Nenhuma outra religião tem requerido semelhantes esforços de espiritualização. (...) Para quê tanto incômodo? Se precisassem de uma religião poderiam acudir aos textos básicos do taoísmo, budismo ou confucionismo, que não necessitam tanta reelaboração. No caso particular dos textos budistas talvez fosse necessário recortar algo de sua retórica exótica, mas não seria necessário fazer com que significasse justamente o contrario do que dizem.

Sejam quais forem as preferências pessoais de Rexroth acerca dos rituais, seus escritos sobre religião são bastante lúcidos em geral. Como o restante de sua obra, sempre busca o que pode ser relevante, sugestivo ou exemplar. Por exemplo, em seu estudo sobre Lamennais, o radical católico do século XIX, o que lhe interessa é sua *“sensibilidade espiritual”*, não os *“detalhes de suas variantes filosóficas e teológicas”*. *“Suas doutrinas mudavam, mas não sua vida, é essa vida e a expressão literária, que poderíamos chamar inclusive de poética, dessa vida coerente que nos interessa”*.

Uma coisa é certa, não há nada puritano nem fora deste mundo no misticismo de Rexroth. Ele mesmo nos diz que o tema de seus poemas em *The Phoenix and the Tortoise* é

o descobrimento de uma base para recriar um sistema de valores dentro do sacramento do matrimonio. O processo tal como eu vejo seria assim: do abandono ao misticismo erótico; do misticismo erótico ao misticismo ético do sacramento do matrimonio; daí à realização do misticismo ético da responsabilidade universal — do Outro aos Outros. Estes poemas bem que poderiam ser dedicados a D.H. Lawrence, que morreu tentando recriar uma família espiritual.

Como ele costumava dizer, há muita palha em Lawrence: retórica sentimentalóide, um primitivismo ridículo, polêmicas sexuais passadas de moda e inclusive tendências vagamente fascistas. Mas o que prevalece é sua luta por um retorno à realidade primitiva, por restabelecer as conexões orgânicas vitais, a começar pelas mais íntimas. Referindo-se aos poemas de Lawrence sobre o amor e a natureza, Rexroth nos diz: *“A realidade se estende através do*

corpo de Frieda [a mulher de Lawrence], através de tudo o que toca, de cada lugar que pisa (...) tudo ressalta iluminado por uma luz que parece sobrenatural e é, ao mesmo tempo, completamente terrenal. (...) Mas além do Sagrado Matrimônio se abre um mundo restabelecido de pássaros, animais e flores — um mundo objetivo sacralizado. 'Olhe, passamos!' Entramos em um mundo transfigurado pela glória que o envolve por todas as partes como uma luz sobrenatural". E a respeito de seus poemas sobre a morte: "Lawrence não busca enganar-se com falsas promessas ou com seguranças ilusórias. A morte é um mistério absoluto e impenetrável. Comunhão com os demais, olvido, sexualidade e morte, podem revelar o mistério mas apenas como algo totalmente inexplicável".

Os próprios poemas de amor de Rexroth manifestam a mesma classe de reverência pela sexualidade como um mistério profundo e insondável:

*Invisível, solene e fragrante
tua carne se abre para mim em segredo.
Não conheceremos nenhum enigma maior.
Depois de todos estes anos não há nada
mais estranho que isso. Nós que nos sentimos
como um único ser duplo, e movemos nossos membros
como hábeis instrumentos de um mesmo desejo fundido,
somos um mistério nos braços do outro.*

Com a mesma delicadeza, evoca a eternidade fugaz da união dos amantes. Neste poema (inspirado na *Gymnopédie nº 1* de Satie), os amantes estão uma noite à beira do mar ao sul da Califórnia:

*O futuro faz tempo que foi embora
o passado não chegará jamais
a única coisa que nos resta
é nosso ser eterno
tão pequeno tão infinito
tão breve tão imenso
imortal como nossas mãos que se tocam
imortal como este vinho iluminado pelo fogo
todo poderoso como esse sincero beijo
que não tem começo
e que não terá
nunca
fim*

A cabala, o tantrismo, o Cantar dos cantares... Rexroth gosta de invocar os misticismos que jogam com conexões ou paralelos entre o amor humano e o divino, que vêem o ato sexual como uma união espiritual, ou inclusive como um modo de contemplação:

*O amor é o aspecto subjetivo
da contemplação
O amor sexual é uma das
mais perfeitas formas de*

*contemplação, desde que distante
da ignorância, da avareza,
e do desejo de posse.*

Quando utiliza a expressão “do Outro aos Outros” nos que dar a entender algo visível nas seguintes linhas:

*Para o coração empobrecido
a notícia e inclusive a visão
da destruição de milhares
de outros seres humanos
pode assumir apenas a forma
de um grito distante (...)
Contudo, como para os dois amantes,
o ser querido é conhecido e
amado cada dia mais perfeitamente,
é todo o universo de pessoas
cada vez mais real.*

Um dos pensadores que exerceu mais influencia sobre Rexroth foi Martin Buber⁽¹⁰⁾, o “filósofo do diálogo” judeu. Segundo Rexroth, “*é praticamente o único escritor religioso contemporâneo que uma pessoa não religiosa pode levar a sério*”. É certo que é um escritor religioso, mas de uma religiosidade tão especial que fez com que sua filosofia seja chamada meio na brincadeira, mas não muito erradamente, de “*judaísmo zen*”. Em sua juventude, Buber teve a sensação de que sua preocupação pela “*experiência religiosa*” lhe havia levado, em certa ocasião, a não prestar toda a ajuda necessária a alguém que lhe pedira e que mais tarde se suicidou. Referindo-se a isso escreveu:

Desde então ele renunciou ao “religioso” que não é mais que a exceção, extração, exaltação ou êxtase; ou o religioso renunciou a ele. Não possuo nada, salvo o dia a dia que jamais me é arrebatado. O mistério já não se revela, escapou ou edificou sua morada aqui, onde tudo acontece sucessivamente. Não conheço outra plenitude exceto a de cada hora mortal de exigência e responsabilidade. (...) Se isso é religião, então religião é tudo, simplesmente tudo o que se vive em sua possibilidade de diálogo.

Buber não vê a realidade fundamental nem na experiência subjetiva nem no mundo objetivo, mas no “*reino do entre*”. “*No princípio está a relação*”. “*Toda vida verdadeira é encontro*”. Em sua obra maior *Eu e Tu* distingue dos tipos básicos de relação: Eu-Isso e Eu-Tu. Eu-Isso é uma relação de utilização e experimentação entre o sujeito e o objeto; Isso (pode ser Ele ou Ela) não é mais que uma “*coisa entre todas as coisas*”, um objeto susceptível de comparação e de categorização. A relação Eu-Tu é única, recíproca e total, e ademais, é irremediavelmente temporal. “*O ser individual aparece quando se contrasta frente a outros seres individuais. A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas*”.

Rexroth realça que o ponto de vista de Buber não é um sermão sentimental sobre “companheirismo” ou “espírito de grupo” (essa forma de agrupamento tão espalhada hoje em dia “não é nada mais que uma concentração de elementos assustados”), nem tampouco é

uma invocação do coletivismo em oposição ao individualismo. “O individualismo compreende apenas uma parte do homem, o coletivismo compreende o homem apenas como parte”. Tanto Buber como Rexroth fazem uma clara distinção entre coletividade (como soma de elementos) e comunidade autêntica (composta por um grupo de pessoas interrelacionando-se de forma viva e direta).

Rexroth critica Buber em três pontos fundamentais: quando se converte a um apólogo do sionismo (apesar de que o sionismo de Buber nunca ser beligerante já que trabalhou de forma tenaz em prol de uma verdadeira aproximação entre judeus e árabes); quando conclui seu trabalho, muito bom com certeza, sobre as tendências das comunidades libertárias (*Caminhos da utopia*) com falsas ilusões sobre as promessas que resultariam no estabelecimento de kibutzim em Israel; e quando, na última parte de *Eu e Tu*, chega à noção de Deus como o “Tu eterno”. Rexroth se opõe aos aspectos desagradáveis do Deus bíblico de Buber, mas ainda desconfia mais dessa “avidez metafísica” por uma relação absoluta. *“Qualquer obra que tenha um final feliz reservado no Infinito é, nesse aspecto, enganosa. (...) Eu creio que a mais completa realização do ser provem da aceitação de seus limites de contingência. É mais difícil, mas muito mais nobre, amar tua mulher como a outro ser humano tão efêmero como tu mesmo, que manter conversações imaginárias com um imaginário Absoluto”*. Sem embargo, segundo Rexroth, a aceitação das relações contingentes e fugazes seria o verdadeiro ponto essencial na perspectiva de Buber. A idéia de um “Tu eterno” não é realmente uma implicação necessária de sua filosofia. *“Apesar de que o mesmo Buber poderia estar em desacordo desde o ponto de vista doutrinal, nada importante mudaria em sua filosofia se eliminarmos a seu Deus. Nos restaria uma filosofia de alegria, vivida em um mundo pleno de outros seres”*.

Boa parte da obra de Buber é dedicada à apresentação do jasidismo, um movimento popular místico que surgiu nas comunidades judias do leste da Europa no século XVIII. Rexroth analisa em profundidade a história e a natureza deste movimento e explica o quanto difere em alguns aspectos da sofisticada reinterpretação que Buber faz dele; sem embargo e apesar de tudo, o que sobressai é um “santo bom humor” e uma afirmação de comunidade que apenas aparece nos movimentos religiosos em raras ocasiões. A obra de Buber *Contos jasídicos* nos recorda, de certo modo, as anedotas sufis, do zen ou dos taoístas, mas possuem um caráter mais comunitário e mais ético. Igualmente, nos revelam muitas vezes um fato decisivo na vida de uma pessoa, embora em geral se trate mais de uma “transformação” moral interna que de uma experiência luminosa. Não há nenhum ganho espiritual definitivo. Cada nova situação, cada novo encontro requer que se responda com todo o ser. As histórias jasídicas tem lugar em um contexto de judaísmo tradicional bastante ortodoxo, pleno de superstições, relações sociais antiquadas e formas religiosas pouco atrativas; e ainda assim, apesar disso,

o que mais flui através de tudo isso é a alegria e o encanto, o amor e a tranqüilidade, dentro de um mundo intangível e fugidio. A isto se chama de a “vontade de Deus”, mas se aceita o movimento do universo (...) em termos mui parecidos aos do Tao Te Ching. Música e dança, o amor mutuo no sentido da comunidade: estes são os valores autênticos. São formosos precisamente porque não são absolutos. E sobre esta base de modéstia, de amor e gozo se levanta uma estrutura moral que consola e ilumina como não o faz quase nenhuma outra expressão religiosa ocidental.

Rexroth apóia sempre, de forma entusiasta, estes misticismos éticos que “reafirmam a vida”; sempre está disposto a valorizar e animar qualquer tendência que se dirija à união da contemplação com a comunidade, ou que tente integrar em um mesmo mundo a vida espiritual com a vida quotidiana. Como todos sabemos, o misticismo tem servido muitas vezes para justificar a falta de cumprimento de responsabilidades éticas e a despreocupação ante os problemas sociais. A experiência da unidade transcendente tem-se tomado como uma implicação de que todo o sofrimento e agonia deste mundo são apenas uma ilusão, e por conseguinte não necessitaríamos nos preocuparmos com isso. As expressões contraditórias do misticismo (como transcendência da dualidade, “Tudo é Uno”, etc.) podem ser recursos apropriados da linguagem para falar de experiências difíceis de descrever, podem inclusive, de alguma maneira, serem corretas, mas chegar à conclusão de que são verdadeiras, no sentido estrito da palavra, seria confundir distintos níveis da realidade. A maneira mais simples de refutar este tipo de sofística transcendental é fazer notar que, inclusive aqueles que a predicam, levam alguns aspectos da vida mundana mui a sério, como por exemplo o dinheiro que cobram por seus ensinamentos.

Rexroth jamais cai nesta armadilha. Quando percebe está pronto a denunciá-la. *“A verdadeira razão da popularidade do Oriente antigo e oculto foi enfatizada faz tempo pelo marinheiro do poema de Kipling: ‘Desembarquei em algum lugar a oeste de Suez (...) onde não existiam os dez mandamentos.’ Quando uma religião é suficientemente exótica, não há necessidade de preocupar-se acerca de responsabilidades. As pessoas podem fazer o que bem entendem”*. Rexroth tampouco admite a idéia de que alguém deva “curar-se a si mesmo” antes de atuar com os demais. Como ressaltamos muitas vezes, os grandes místicos do passado insistem de maneira quase unânime em que as duas coisas devem caminhar juntas. *“O contemplativo católico, o sufí, o monge budista, todos eles seguem um ideal de perfeição. A iluminação chega a eles como a coroação de uma vida de intenso ativismo ético, de honradez, lealdade, pobreza, castidade e, sobretudo, caridade, amor generoso e positivo para com todas as criaturas. A vida virtuosa cria um ambiente em que a iluminação espiritual flui como uma luz difusa e sem origem”*. Uma definição clássica das prioridades dada por um dos maiores místicos ocidentais diz: *“Se alguma pessoa entrasse num estado de arrebatamento como aquele em que entrou certa vez Paulo [o apóstolo], e lhe dissessem que havia um homem enfermo por perto necessitando de um prato de sopa, melhor faria sair de seu estado por amor ao próximo e servir a quem necessitasse de ajuda”* (Meister Eckhart). Esta mesma idéia aparece implícita no ideal mahayana de bodhisattva, mas com uma matiz suplementar que Rexroth gosta especialmente:

Um bodhisattva, para quem não sabe, é um ser que, quando está a pondo de alcançar o nirvana, se retira fazendo voto de não entrar nessa paz final enquanto não entrarem nela os demais seres. Segundo o pensamento budista mais profundo, ele faz isso “com indiferença” porque sabe que não existe nem ser nem não-ser, nem paz nem ilusão, nem salvados nem salvadores, nem verdade nem consequência. Esta é a razão para essa expressão às vezes benigna e calma nos rostos da arte religiosa do distante Oriente.

Mas uma caridade lúcida implica em uma definitiva oposição ao sistema social que faz todo o possível para que isso não se concretize. Rexroth dá uma “canja” ao voto bodhisattva:

*Enquanto houver uma classe inferior,
Eu pertenço a ela. Enquanto houver
um elemento criminoso,
Eu também o sou. Enquanto houver
uma única alma aprisionada,
Eu não serei livre.*

[NOTAS]

8. *Parade's End*. Tetralogia sobre o período da Primeira Guerra Mundial escrita pelo autor e crítico inglês Ford Madox Ford (1873-1939)
 9. D.T. Suzuki (1870-1966). Autor de numerosas obras sobre o budismo zen e seu principal divulgador no Ocidente.
 10. Martin Buber (1878-1965). Nasceu em Viena. Filósofo da religião e da cultura expoente de um existencialismo e espiritualismo em sentido amplo, intérprete e renovador do pensamento e das tradições judias do jasidismo..
-

Fim do capítulo 2 de “Erotismo, Misticismo e Revolução” de Ken Knabb. Versão original: [The Relevance of Rexroth](#) (1990).

Capítulo 3: Sociedade e Revolução

*“Falar de revolução pode soar irrisório. (...) Mas todas as alternativas
são ainda mais irrisórias, pois implica aceitar a ordem estabelecida de
uma maneira ou outra.”*

Internacional Situacionista, nº6, agosto 1961.

Rexroth cresceu nos últimos anos do velho movimento revolucionário. A primeira guerra mundial não só evidenciou a quebra da antiga ordem social, como também revelou a superficialidade do movimento revolucionário que lutava contra ela, pois quase todas as supostas organizações internacionais da esquerda e contra a guerra se solidarizaram com seus respectivos Estados. O final da guerra trouxe consigo uma onda de levantes na Europa, mas todos eles foram prontamente sufocados ou neutralizados. A única exceção aparente, a revolução russa de 1917, resultou ser definitivamente o fiasco maior de todos. Os bolcheviques tomaram o poder, reprimiram as forças libertárias que haviam feito a revolução e impuseram uma nova variante do velho sistema: o capitalismo burocrático de Estado. A burocracia “comunista” se converteu na nova classe dirigente; o Estado se erigiu no único capitalista soberano.

*O bolchevismo não tem nada de comunismo, e nem sequer de socialismo no
sentido que tinham estas palavras antes de 1918. É uma forma muito primitiva de*

capitalismo de Estado. É um método para forçar a um país semicolonial e atrasado a passar pelo período de acumulação de capital que a maioria das nações capitalistas passaram durante os primeiros anos do século XIX.

A contra-revolução bolchevique não foi um desastre apenas para a Rússia; seu exemplo iria corromper e finalmente destruir por completo todo o movimento revolucionário internacional durante as décadas seguintes. O poder bolchevique e o prestígio dos supostos líderes da única revolução “triumfante” lhes permitiram dominar, manipular e sabotar o resto dos movimentos radicais em todos os países, “até que não restasse nem uma única pessoa que não estivesse submetida ao Kremlin, desde o sicário estalinista até o psicopata antibolchevique”. “Milhares de pessoas se tornaram reacionárias, se refugiaram na religião ou em toda classe de loucura porque pensavam que revolução socialista e bolchevismo significavam a mesma coisa.”

Nesta época, na Europa ocidental e na América, o sistema havia chegado a diversos compromissos com os partidos socialistas reformados e os sindicatos (*New Deal*, frentes populares, Estado de Bem Estar...)

Os movimentos sindicais e socialistas do Ocidente tem funcionado, na realidade, não apenas como reguladores que permitem sair o vapor quando a pressão é demasiado alta, como o que agora se denomina “válvulas de segurança” — embora no fundo representem este último — mas também como peças essenciais da engrenagem capitalista; em outras palavras, sua atuação se assemelha mais à de um carburador que assegura que a quantidade exata de gasolina e ar estará adequada para cada nova exigência do motor.

Em alguns países onde isto não funcionou direito, as crises sociais foram sufocadas pela a imposição do fascismo (uma mistura de capitalismo de Estado totalitário com o capitalismo monopolístico tradicional). Os autênticos elementos radicais, que não foram enganados pelo bolchevismo, reformismo ou fascismo, foram isolados ou simplesmente eliminados. A última e mais notável manifestação do antigo movimento, a revolução anarquista espanhola de 1936-1937, foi destruída pelos três ao mesmo tempo.

Este foi o final para a geração da esperança na revolução. A consciência da Humanidade teve que voltar a aprender novos métodos de compromisso. Os julgamentos de Moscou, as execuções nas ruas pelo Kuomintang, a traição na Espanha, o pacto entre Hitler e Stalin, o extermínio de nações inteiras, Hiroshima, Argel — nenhum protesto pode evitar que o monstro cerrasse suas garras. Com o passar dos anos se ouvem menos e menos protestos. Os porta-vozes, os intelectuais de todo mundo estão vendidos ao poder e guardam silencio.

Toda uma geração de escritores, artistas e intelectuais quedou traumatizada, mutilada mental e moralmente, afundada no desânimo e no compromisso.

*Quantos deixaram de escrever aos trinta anos?
Quantos começaram a trabalhar para o Time?
Quantos morreram de lobotomia dentro do partido comunista?
Quantos se perderam nos pavilhões psiquiátricos das províncias?*

Quantos decidiram por conselho de seu psicanalista que fazer carreira no mundo dos negócios era melhor ao fim e ao cabo?

Quantos se tornaram alcoólicos sem qualquer esperança?

Rexroth representou uma das poucas exceções. Nos anos 20, foi um membro ativo de uma das organizações mais exemplares do antigo movimento, a anarco-sindicalista IWW. Nos anos 30, levou adiante um trabalho similar mas de maneira independente. Quando deixaram de existir movimentos revolucionários importantes, se preparou para um grande entrincheiramento: estabeleceu contatos com pessoas que se haviam mantido radicais e íntegras, lhes propôs reavaliar os antigos pontos de vista e continuar falando em público e atuando onde fosse possível. Ele já havia percebido o jogo dissimulado dos bolcheviques em 1921, quando Trotsky e Lenin esmagaram a revolta libertária do soviete de Kronstadt; mesmo se opondo claramente a todas as formas de “comunismo”, não reagiu apoiando o capitalismo ocidental, como fizeram muitos outros membros de sua geração.

*Estou muito mais inteirado
dos horrores do estalinismo
do que tu, belicoso ex-trostkista.
Mas não conseguirás nada
dizendo-me que eu deveria
fazer as pazes com a besta que me devora
apenas porque um leão maior
está comendo outra pessoa
no outro lado da arena.*

A propósito dos limites da política reformista, Rexroth nos conta que, viajando de carona através de Montana com sua mulher Andrée, foram recolhidos por um homem endinheirado com uma opinião curiosamente cínica sobre os políticos. Rexroth lhe pergunta então se não acredita que poderia haver algumas exceções de homens honrados, tais como Robert La Follette e Burton Wheeler (senadores progressistas de Wisconsin e Montana). O homem lhe responde descrevendo a barreira de proteção situada no fundo de um campo de baseball: “A barreira se encarrega de parar as bolas que o ‘catcher’ não pega e as que são mal lançadas, de maneira que não possam ferir aos espectadores das primeiras filas. Esta é a função de homens como La Follette e Wheeler, e creia-me jovem, mesmo que você os considere exceções eles não o são.” No dia seguinte descobriram que seu companheiro de viagem havia sido o senador Wheeler.

O fracasso do bolchevismo e do socialismo reformista ao tratar de levar a cabo um verdadeiro e radical cambio social reforçou o anarquismo de Rexroth. Ficou mais evidente que nunca que o capitalismo não poderia ser eliminado com programas estatais, e que qualquer burocracia, não importa quão radical possa ser, tendia de forma natural a perpetuar seu poder. O capitalismo e o Estado não são mais que aspectos entrelaçados do mesmo sistema:

*Força de trabalho no mercado,
fogo potente no campo de batalha,
é a mesma coisa, são simplesmente duas
caras do mesmo monstro.*

O Estado é, basicamente, uma fraude. O fato de, em certas ocasiões, prover a seus cidadãos de uns poucos serviços sociais encobre sua função essencial de protetor da economia de mercado. Sem esta economia, muitos dos conflitos de interesses, que tem sido criados de maneira artificial e que agora são pretexto para a existência do Estado, perderiam sua razão de ser. *“O Estado não te faz pagar impostos para prover-te com serviços. Te onera com impostos para destruir-te. Os serviços que te presta são algo que confiscaram dos homens e das suas relações com os demais para legitimar seu poder policial e militar”*. Rexroth evoca a Herbert Read⁽¹¹⁾ quando diz: *“Pode ser que o anarquismo pareça pouco sensato, mas seguramente ele pareceria muito mais sensato a qualquer pessoa de outra civilização que a do moderno Estado-nação capitalista; ademais, é evidente que o anarquismo é o único sistema que poderia funcionar. De agora em diante qualquer forma de Estado está condenada ao fracasso, e ao fracasso mais estrepitoso.”*

Durante a Segunda Guerra mundial Rexroth serviu na qualidade de objetor de consciência como ajudante em um hospital psiquiátrico. Não foi um defensor do pacifismo ao extremo, mas parece haver se posicionado absolutamente contra todas as guerras que tiveram lugar entre os modernos Estados-nações. Sempre as considerou pior que qualquer dos males que pretendiam remediar. Durante a guerra formou o grupo pacifista Randolph Bourne Council (em memória do autor libertário que escreveu sobre o tema “A guerra é a saúde do Estado”) e trabalhou ajudando aos americanos de origem japonesa que estavam sendo hostilizados e enviados aos campos de concentração. Idealizou alguns estratagemas que salvaram muitos do encarceramento.

Depois da guerra, Rexroth e um pequeno grupo de amigos organizaram o San Francisco Anarchist Circle (rebatizado depois como Círculo Libertário).

Cada semana tínhamos uma reunião educativa dedicada a um tema diferente: os coletivos agrários andaluzes, os conselhos operários na Alemanha revolucionária, as comunidades utopistas nos Estados Unidos, a revolta de Kronstadt, Nestor Makhno e sua sociedade e exército anarquistas durante a revolução russa, a I.W.W., o anarquismo associativo na América; ou mesmo falávamos de personagens como Babeuf, Bakunin, Kropotkin, Alexander Berkman, Emma Goldman, Voltairine de Cleyre e o movimento anarco-feminista. (...) O lugar estava sempre repleto e quando o tema da tarde era “Sexo e Anarquismo”, não cabia nem um alfinete. (...) Cada aspecto particular da história ou da teoria do anarquismo era apresentado por uma pessoa competente e logo submetido a discussão pelo público assistente. (...) Nosso objetivo consistia em voltar a fundar o movimento radical depois de sua destruição pelos bolcheviques e analisar de novo todos seus princípios básicos; em outras palavras, pretendíamos submeter a uma crítica rigorosa todas as ideologias desde Marx a Malatesta.

Aparentemente o Círculo Libertário, cuja atividade mais intensa se deu entre 1946 e no começo dos anos 50, teve influencia tanto cultural como política. Foi sem dúvida o primeiro foco importante da efervescência do posguerra, e mui prontamente se referiam a ele como o Renascimento de San Francisco. Alguns de seus participantes fundaram a emissora de radio independente KPFA, também fundaram grupos de teatro experimental e numerosas revistas; outros membros constituíram parte daqueles poetas e artistas que exerceram uma influencia

considerável em toda a zona, chamada Bay Area, durante os anos 50 e 60.

Rexroth se encontrava no coração de tudo isso. Além de seu papel fundamental dentro do Círculo Libertário, organizava debates, conferências e leituras semanais em sua própria casa, arremetia contra o poder estabelecido em numerosos artigos, entrevistas e emissões na rádio KPFA e divulgava as novas tendências dissidentes. Num momento em que a maioria dos comentaristas declaravam por toda parte que o tempo de experimentação e desobediência se havia acabado, ele se empenhava em ver novos sinais de esperança. Em seu precursor artigo de 1957 “Disengagement: The Art of the Beat Generation” escreveu: *“A geração dos jovens está em um estado de rebelião tão absoluto que seus próprios pais não podiam sequer reconhecê-los. (...) Assim como os raios X e a radioatividade, a rebelião moderna é invisível. Só se percebem seus efeitos em um nível material dentro da sociedade e então se lhe chamam delinquência.”*

Rexroth e outros poetas do Renascimento de San Francisco tem sido considerados, um tanto quanto ligeiramente, como pertencentes à “geração beat”, mas como ele mesmo frisou de maneira enérgica em muitos artigos, nem ele nem a maioria de seus companheiros teriam muito a ver com o estereótipo dos beatniks criado pelos meios de comunicação. Suas críticas ao sentimentalismo, egocentrismo e às necessidades da Kerouac foram particularmente cáusticas. (Vergonhosamente, a maior parte da torrente de memórias, biografias e histórias da “era beat” apenas são mencionadas quando recheadas por comentários malévolos e rumores desrespeitosos. Por outro lado, quando o mundo acadêmico se digna reconhecer sua existência é para etiquetar-lhe desdenhosamente como “o padrinho dos beatniks”).

A aparição do movimento pelos direitos civis foi algo com o que Rexroth mais se conectou. Em um artigo, escrito em 1960, elogia a espontaneidade e a ação pessoal direta dos primeiros manifestantes e lhes previne contra as tentativas de intromissão e institucionalização dos “organizadores” burocráticos:

Se questionam as brutais tendências reacionárias da América, não no que se refere a sua base política — esquerda contra direita —, mas por causa de sua evidente violência moral e falta de honradez. (...) Os programas políticos estão desfasados, (...) o poder ou um programa não é o que importa, o que importa agora é uma realização imediata de conteúdo humano, aqui, ali, em todas as partes, em cada fato e em cada relação na sociedade. (...) Isto implica uma ação moral e pessoal. Eu diria, se me apurais, que implica uma revolução espiritual. (...) O boicote aos ônibus em Montgomery (...) demonstrou algo que sempre havia soado como puro sentimentalismo. É melhor, mais valente, muito mais efetivo e mais agradável atuar com amor que com ódio. Uma vitória conquistada assim nunca será posta sob julgamento. (...) Mais ainda, cada vitória moral converte ou neutraliza alguma parte das forças contrárias.

Esta ação direta e espontânea foi um bom começo para clarificar um ambiente de anos de compromissos e confusões. (O esquema “esquerda contra direita”, por exemplo, foi durante muito tempo uma suposta oposição entre dois erros quase impossíveis de distinguir). Mas o rechaço de Rexroth a todos os programas em bloco é, obviamente, demasiado simplista. No período que se seguiu à destruição do antigo movimento revolucionário, este tipo de atitude

era compreensível: as pessoas desconfiavam com razão da submissão cega a programas e organizações doutrinárias; era necessário reexaminar as perspectivas desde o princípio e permanecer abertos às distintas possibilidades. Durante este período, a estratégia de Rexroth de fomentar o diálogo e as comunidades criativas sem preocupar-se demasiado por ter uma teoria coerente resultou ser mui proveitosa. Nenhuma outra pessoa jogou um papel tão importante para sentar as bases do Renascimento de San Francisco dos anos 50, movimento que se converteria por sua vez em uma das principais referências de partida para a contestação mais generalizada dos anos 60. Não obstante, esta nova manifestação iria plantear questões táticas e teóricas que Rexroth, empenhado em manter seu ecletismo empírico, não saberia abordar de uma forma coerente.

Em 1960 aceitou uma oferta do *San Francisco Examiner* (periódico pertencente ao império Hearst) para escrever uma coluna semanal. Aparentemente a política que seguiu foi a de aceitar praticamente qualquer encargo agradável desde que pudesse seguir mantendo sua total independência; os editores tinham que aceitar seus artigos sem mudar nem um ponto e nem uma vírgula, tal como ele os havia escrito, caso contrário, não havia artigo.

Segundo ele, os periódicos e revistas lhe deixavam mais a vontade que os diários políticos partidários e as publicações universitárias: “O que lhes interessa são os artigos vivos, atrativos, desde que sejam razoáveis, quanto mais controvérsia provoquem, melhor.” De momento, nada que objetar, mas que ocorre se aquilo que alguém quer dizer não entra dentro do “razoável”? Mesmo que lhe dêem carta branca, todos sabemos que há modos sutis de pressão que produzem autocensura. Existe sempre a ameaça implícita de que não te renovem o contrato (como, com efeito, ocorreu em 1967 quando escreveu um artigo muito controvertido sobre a polícia americana).

Rexroth não fez um mal trabalho levando em conta a posição tão ambígua em que se encontrava. O estilo de seus artigos está ligeiramente adaptado a um tipo de audiência mais popular, mas é quase tão direto como nos anteriores, e sua variedade de temas é mais ampla. Ao fazer uma resenha de um livro sobre a baía de San Francisco nos diz: *“Podeis conhecer a fundo as novelas de Henry James ou a arte da fuga, mas se não sentires este mundo como se fosse sua casa que está sob vossos pés e diante de vossos narizes, é porque ainda não estas realmente civilizados”*. Nesse sentido, é muito provável que suas colunas do periódico contribuíram para “civilizar” a milhares de leitores. Em todo caso, o que se nos oferecem é uma grande informação sobre a vida da área da baía nessa época, uma vez que incluem muitos temas que não havia analisado de maneira tão detalhada em seus outros escritos, temas que vão desde as artes teatrais até a política, passando pela arquitetura e o urbanismo local.

Qualquer que seja o tema que trate, Rexroth sempre intenta fomentar as qualidades de uma comunidade vital e variada. Como regra geral incentiva a participação, experimentação e autonomia locais, se bem que quando é necessário um plano coerente ele recomende que se centralize a coordenação. Acerca de uma representação livre de teatro no parque nos comenta: “Esperamos que isto não seja apenas um começo e que dentro em pouco tenhamos todo tipo de atividades teatrais e musicais nos parques. Não me ocorre muitas maneiras de tonificar uma comunidade desalentada. Cedo ou tarde muitos dos espectadores passarão à ação”. Resulta gracioso ver de que modo tão convincente se dirige a distintos grupos em seu

próprio linguajar, desafiando aqueles que se dizem cristãos para que imitem Jesus e se aproximem dos pobres, dos marginalizados, dos desesperados, não para convertê-los ao cristianismo mas para ajuda-los; ou dizendo aos comerciantes de Chinatown que ganhariam muito mais dinheiro se transformassem a avenida Grant em um calçadão, que voltassem a representar ópera chinesa e oferecessem objetos orientais mais autênticos, em vez de ninharias para turistas.

Como se poderia supor, estas propostas não estão isentas de ironia. Dentro de um limite, nos poderiam parecer mais desejáveis e inclusive mais "práticas" que as que ocorrem atualmente, mas Rexroth sabe que isso definitivamente não é suficiente. Algumas propostas encontrariam muita oposição por parte de interesses econômicos e políticos; outras não redundariam em uma melhora, pois a transformação de uma zona apenas ocorre às custas de outra. "A crua realidade é que os autênticos problemas: econômicos, ecológicos, sociais, morais, éticos, religiosos ou sexuais, não podem ser resolvidos com os mecanismos desta sociedade nem com os de nenhuma outra sociedade existente."

De qualquer maneira, a maior parte destes artigos não são mais que simples reações pessoais diante dos acontecimentos do dia a dia, contendo apenas vagas mostras de uma crítica social mais amplas. Quando foi despedido do *San Francisco Examiner*, Rexroth empenhou-se a escrever uma série de artigos mensais de maior conteúdo político para o *Bay Guardian* de San Francisco (1967-1972) e para a revista cultural *San Francisco* (1967-1975). Em suas colunas, cada vez mais pessimistas, denuncia a corrupção e conivência de políticos, governantes, empresários e meios de comunicação, e deplora a destruição sem sentido de todo vestígio de comunidade humana e ecologia. Muitas de suas denúncias estão justificadas de sobra, mas lhes falta uma análise coerente e profunda da situação que sirva para determinar perspectivas radicais. Como soe ocorrer, a revelação de um escândalo produz um efeito de desalento nas pessoas, que repercute nelas mesmas, uma vez que este é o único terreno onde alguém pode considerar-se protegido da loucura geral.

Rexroth já havia percebido os sinais de uma nova revolução em um momento em que a maioria dos comentaristas não se havia dado conta de nada. Sem embargo, ele a via acima de tudo em termos culturais e espirituais. Quando surgiram as lutas mais abertas e violentas, se evadiu do tema valorizando-as como meros sintomas de virulência social e se reafirmou em sua anterior estratégia de uma sutil subversão moral e artística. Isto pode ser apreciado em seus comentários sobre a única grande revolta pela qual mostrou certo entusiasmo, a de maio de 68 na França.

Provavelmente o mais significativo da explosão na França é a revelação da quebra moral dos poderes estabelecidos. Nem o general De Gaulle nem os líderes do partido comunista tinham a mais ligeira idéia do que estava acontecendo. O General não podia aportar nenhuma explicação, salvo a sublime ocorrência de que o partido comunista era o responsável por tudo. Os comunistas, que haviam compreendido o suficiente para ficarem verdadeiramente assustados, denunciaram de uma maneira selvagem e insultante a revolta dos operários que estavam em greve e toda a juventude. (...) Quaisquer que fossem as consequências de tudo isso na França, o rechaço deste grande e caduco sistema de falsos valores, que tem regido a era do comércio e a indústria, não cessará.

Até aluí Rexroth está certo. O problema é que não avança muito no tema. É típico dele que reconheça que maio de 68 foi uma reação contra um sistema de falsos valores, mas apenas o analisa como uma tentativa de substituir a organização social do sistema. Nunca estuda sua origem, nem suas metas, táticas inovadoras ou tendências contraditórias, aspectos todos eles de muito mais importância que a "revelação" de uma quebra moral há muito tão óbvia. Rexroth criticou de forma correta a Nova Esquerda por sua falta de estratégia coerente, mas não parece que ele tenha apresentado nenhuma outra estratégia que fosse mais além do que animar vagamente à "ação moral individual" ou impulsar a ação coletiva em determinados temas. Depois do desaparecimento do Círculo Libertário, nem ele nem nenhum de seus amigos deu mostras de haver avançado na crítica social que vinham realizando. Tampouco parece que tenham voltado a expor de uma maneira explícita e continuada o que ainda restava de suas antigas idéias libertárias. Por tratar-se de pessoas que tinham, merecidamente em muitos aspectos, certa influência, o fato de que não abordaram os novos temas teóricos e estratégicos contribuiu à ingenuidade política da contracultura dos anos 60. Diante da falta de uma perspectiva libertária coerente, as antigas ideologias ressurgiriam de forma natural para ocupar o espaço vazio. Facções militantes da Nova Esquerda degeneraram prontamente na confusão mais chata e delirante da velha esquerda, diante disso, a maior parte das outras facções reagiu com desagrado assumindo posturas mais reformistas ou apolíticas.

Diante do debate político da Nova Esquerda ao final dos anos 60, Rexroth coloca mais ênfase nos aspectos culturais do movimento. *The Alternative Society* (1970) reflete esta inclinação. Embora contenha artigos sobre diversos temas sociais, quase a metade do livro é dedicado ao novo auge da poesia e da canção; sua sociedade alternativa viria a ser a contracultura dos jovens, ou pelo menos, suas tendências mais profundas: a "subcultura da separação". "É um erro falar de canção ou de poesia de protesto. O protesto implica uma possibilidade de retificação, se produz dentro de uma cultura. Com a grande lista de horrores que temos acumulado, o protesto se converteu em alienação e a alienação em uma total separação". Não se trata tanto de uma separação geográfica (apesar de que pode incluir a formação de comunas ou outros tipos de comunidades alternativas) como de uma reordenação primordial do sistema de valores, uma reformulação que se mantêm, embora não de forma muito visível, enquanto que as superficiais modas hippies desaparecem da mesma forma que vieram.

Em sua luta por alcançar uma nova comunidade com metas sensatas na vida e uma moral baseada na honradez, e enquanto se desvanecem suas loucuras juvenis e modas passageiras, os jovens que se separam desta sociedade desordenada e nociva coincidem com seus predecessores — menonitas, irmãos moravos, amish, huteritas, quakers — que se retiraram da loucura e do horror das guerras religiosas e do colapso da sociedade medieval.

Em sua obra *Comunalismo: Das Origens ao Século XX* (1974), Rexroth analisa estas sociedades e outras mais antigas, desde os primeiros cristãos, passando pelas seitas heréticas e os movimentos milenaristas da Idade Media, até as comunidades seculares utópicas dos dois últimos séculos.

A maior parte dos grupos que estuda são religiosos; apenas os do final incluem comunidades laicas. Nesse aspecto, o livro de Rexroth representa uma rica exposição sobre a dialética social das religiões que, como todos sabemos, tem contribuído em geral para reforçar a ordem

estabelecida, mas que quando são levadas até suas implicações mais radicais, tendem a miná-la. Inclusive tendências tão inofensivas como a vida monástica laica podem representar uma potencial ameaça: *“O monasticismo organizado foi uma maneira de colocar em quarentena a vida cristã; por este motivo a Igreja sempre insistiu em que os monges fossem celibatários. (...) O monasticismo laico, ou seja, comunidades de famílias que partilham tudo e que vivem uma vida seguindo o modelo dos apóstolos, se converte inevitavelmente em um modelo de contracultura”*. Esta ameaça resulta mais evidente nas relações entre os Irmãos do Livre Espírito e as revoltas milenaristas, e no surgimento de grupos anarcosindicalistas de inspiração religiosa como os Diggers na revolução inglesa.

Sem embargo, todas estas comunidades alternativas, inclusive as seculares com consciência mais radical, mantiveram uma relação ambígua com a sociedade dominante. Até certo ponto, serviram de refúgio contra essa sociedade e tem sido um exemplo de valores e possibilidades diferentes. Mas ao coexistir com ela irão enredar-se, sem poder evita-los, em compromissos e confusões, e normalmente, acabariam logo desagregando-se por causa de suas próprias contradições. O livro de Rexroth mostra um conjunto interessante de êxitos, fracassos, excentricidades e loucuras destes grupos, mas faz uma análise demasiadamente empírica e estreito de finalidades. Quando fala de comunidades alternativas, o faz quase sempre em termos de sua organização interna e sobrevivência individual (considera aos huteritas, por exemplo, como “a mais bem sucedida”, uma vez que são os únicos que tem mantido uma vida comunal completa durante séculos), e não menciona a pouca importância que tem para o movimento contestatário moderno. Pode ser, como ele conclui, que os líderes carismáticos, as crenças religiosas e o trabalho duro tenham sido fatores de vital importância para a sobrevivência de pequenos grupos utópicos em um mundo de escassez e hostilidade, mas estes tem pouco a ver com o projeto de uma sociedade global que deixe para traz a época da escassez.

Sobre a probabilidade ou não do surgimento de semelhante sociedade, Rexroth acha que chegamos a um ponto onde não apenas ela é possível, como também necessária.

As únicas alternativas são a utopia ou o caos. (...) Os sintomas da queda eminente da civilização se vêem por toda parte e são bem mais agudos que os que se perceberam nos últimos anos do império romano. Sem embargo, nem todos estes sintomas são necessariamente patológicos. O mundo contemporâneo se vê afetado por duas tendências opostas: uma que tende a sua destruição social, e outra que anuncia o nascimento de uma nova sociedade.

Mas quando Rexroth intenta analisar a natureza deste conflito cai, por vezes, em confusão e chega a conclusões que não são lógicas:

Os sinais mais evidentes da revolução ocorrem nas áreas mais livres, ou seja, nas relações sociais entre as pessoas, longe da burocracia sindicalista ou estatal. Para lançar um ataque contra o Estado e o sistema econômico se necessita poder, e é o Estado, que na realidade é a força policial do sistema econômico, é ele que detém até o momento todo o poder efetivo. As manifestações ou os coquetéis molotov não servem de nada diante da bomba atômica. Por este motivo, as mudanças importantes estão tendo lugar no que os jovens chamam “estilo de vida”.

Sua forma de falar aqui sobre o "poder" é bastante confusa. Certo é que, em geral, resulta inútil lutar contra o Estado em seu próprio terreno, mas isto não significa que a única alternativa que reste seja a de limitar-se a mudar nossa forma de vida e nossas relações com os demais. Onde estava todo o poder do Estado em maio de 68, em Portugal em 1974, na Polônia em 1980, ou no leste da Europa em 1989? Qual foi o papel da bomba atômica em tudo isso? Em todos esses casos, o sistema sobreviveu devido não tanto à repressão física como à cooptação, utilizando táticas divisórias, reconduzindo os movimentos de oposição e manipulando-os para alcançar compromissos reformistas.

Nesse momento assistimos a uma sublevação instintiva contra a desumanização por todo o mundo. O marxismo propunha eliminar a alienação do homem no trabalho, em suas relações pessoais e dentro de si mesmo através de uma mudança no sistema econômico. O sistema econômico mudou, mas a alienação do ser humano só fez aumentar. Dê o nome que quiser, capitalismo ou socialismo, no que diz respeito às satisfações humanas e ao significado da vida, é a mesma coisa no Oriente e no Ocidente. Portanto, a revolução atual não teria como primeiro objetivo a mudança das estruturas econômicas e políticas mas o ataque à alienação do homem como tal.

O sistema econômico foi modificado de várias maneiras, mas nunca foi completamente substituído em lugar algum conforme imaginado por Marx (como Rexroth nos faz notar em alguns de seus trabalhos, o "marxismo" tem pouco a ver com Marx como o cristianismo com Cristo). O fracasso do capitalismo de Estado "comunista" e a incompetência do socialismo reformista, tão evidente a tanto tempo, tem demonstrado quão obsoleto é o esquerdismo estatal, mas não o fracasso do projeto original de Marx e dos anarquistas, que pretendiam a abolição do Estado e do capitalismo. A sublevação atual se dirige, com razão, contra qualquer forma de alienação em vez de limitar-se às estreitas batalhas políticas e econômicas da velha esquerda, mas dificilmente poderá alcançar êxito em um ataque contra a alienação "como tal" sem eliminar cedo ou tarde suas bases econômicas.

Rexroth vê sua sociedade alternativa como uma "nova sociedade dentro da antiga casca", mas em nenhum momento se imagina como pode romper essa casca e suplantá-la. Parece ter tão apenas uma vaga esperança de que um certo número de pessoas, colocando em prática uma autêntica comunidade dentro dos resquícios do velho sistema, fosse capaz de manter viva a chama. Mesmo com isso oferecendo poucas oportunidades de evitar uma catástrofe nuclear ou ecológica, ele crê que este é o modo mais satisfatório de viver.

Se a sociedade alternativa chegasse a ser uma sociedade de bodhisattvas ecológicos chegaríamos ao confronto final. Ajuda mútua e respeito pela vida, consciência plena do lugar que cada um ocupa na comunidade de criaturas, estas são as bases para uma sociedade alternativa. (...) Não há probabilidade de que ganhem, já é demasiado tarde; mas ao menos poderiam edificar um reino frente ao Apocalipse, uma sociedade guarnecida de gente moral e responsável que se confronte a extinção com uma consciência limpa e com vidas tão prazerosamente vividas quanto possível.

Rexroth estava falando às pessoas das ameaças ecológicas décadas antes que muitos

começassem a dar-lhe ouvidos, e cada dia que passa é mais evidente que estava certo acerca da gravidade do tema. Um equilíbrio ecológico mundial que seja viável é um assunto delicado; uma vez que a deterioração atinge certo ponto, pode resultar impossível inverter essa tendência. Sabe-se muito bem que neste exato momento, se estão produzindo uma série de abusos ecológicos que, se não corrigidos com rapidez, será irremediável. Inclusive aqueles que se detenham agora podem continuar causando efeitos retardados nos anos vindouros. Por conseguinte, a maioria destes abusos não tem absolutamente sido refreados e parece que a coisa não vai mudar enquanto existir um sistema em que os grandes grupos de poder possam obter proveitosos benefícios a curto prazo.

Em minha opinião, a situação é desesperadora. A raça humana está provocando uma crise ecológica irremediável e caminha em direção à sua extinção, para uma morte da espécie em menos de um século. E isso sem contar com a bomba atômica. (...) Mas supondo que exista ainda uma possibilidade de mudar, "uma luz no final do túnel" para essa sociedade, isso só poderá ocorrer por contágio, infiltrando no tecido social umas cápsulas invisíveis que inoculem e estendam por todo ele uma enfermidade chamada "saúde".

Isso nos devolve a poesia e a música que seriam, segundo Rexroth, alguns dos meios mais eficazes de "contagiar" semelhante enfermidade.

A canção *underground*, nos diz, remonta aos cantos goliárdicos medievais: cantos que celebram o vinho e o amor e satirizam a ordem existente (popularizados por Carl Orff em *Carmina Burana* e gravados mais recentemente em versões originais). Na França, seu rastro vai desde o misticismo sexual dos trovadores e o submundo boêmio de François Villon, passando pelos poetas malditos e os cafés cantantes do século XIX, até George Brassens e outros cantadores posteriores à segunda guerra mundial, que originaram o "*renascimento mais expressivo da canção nos tempos modernos*" e que tem "*substituindo o apetite de posse pela sensibilidade lírica*". "Brassens", comenta, "*fala conscientemente aos condenados irrecuperáveis. Ele sabia que nem ele nem seus seguidores, cada vez mais numerosos, poderiam ser nem seriam nunca assimilados pelo sistema, e também sabia o porque. Ele nos fala em todas suas canções seja qual for o tema de que tratem. Com ele a contracultura alcançou maturidade*".

Na América, Rexroth descreve uma evolução paralela desde as baladas tradicionais, música folk e blues até as canções contraculturais dos anos sessenta. Ele diferencia a autêntica música folclórica — "*a expressão natural de uma comunidade orgânica*" — da canção de protesto pseudo folclórica, a qual considera, em sua maior parte, ruim e ridícula, ou pior ainda: uma expressão de Mentira Social. É verdade que alguns de seus próprios poemas contêm formulações radicais, mas também é certo que, ao mesmo tempo, rechaça sempre a idéia de que a arte deveria estar subordinada às exigências "progressistas". Ele acha que as letras que comunicam uma visão pessoal autêntica são, finalmente, mais subversivas que a propaganda explícita. "*A poesia pode provocar uma resposta mais intensa, mais profunda e mais ampla diante da vida. Não pretendo dizer com isso que seremos homens melhores — isso depende de cada um — mas, o fato da poesia fazer parte de nossa vida fará com que tenhamos uma resposta muito mais universal diante os problemas, das coisas, dos objetos, diante da vida em geral e, definitivamente, poderemos por em jogo nossos mais íntimos recursos*". Rexroth

supõe ademais que esta profunda resposta à vida irá unida a um rechaço à alienação e ao condicionamento e que tudo isso minará a ordem estabelecida:

A contracultura, entendida como cultura, ou seja, como forma de vida, é algo que não se pode apreender nem delimitar, corre pelas veias de nossa sociedade e não é possível retirá-la. Seus efeitos são corrosivos e contínuos. (...) As canções de Joni Mitchell (...) implicam e apresentam um esquema de relações humanas que não são assimiláveis pelo sistema, (...) nelas vemos um tipo de amor que não pode existir nesta sociedade. Suas canções se estendem como a radioatividade. Fomentam, na medida do possível, a subversão em derredor.

Oxalá fosse assim tão simples! É difícil medir o alcance de uma obra artística, mas duvido muito que qualquer canção, seja de Brassens ou Mitchell, ou de qualquer outro, possa ser imune, até este ponto, à assimilação. Quando muito, pode ser que desempenhe um pequeno papel na manutenção de um sopro de humanidade entre toda essa pressão desumanizadora que nos rodeia. Os comentários de Rexroth aos poemas de William Blake marcam seu papel positivo ao mesmo tempo em que nos revelam suas limitações: “É a arte de prover o coração com imagens de sua própria alienação. Se o indivíduo ou a sociedade podem projetar os dilemas os quais a razão é incapaz de confrontar, estes poderão ser controlados, embora não possam ser dominados. Esta foi a função de Blake. Ele viu a futura civilização mercantil e preparou um refúgio, uma fortaleza ou um porto simbólicos”.

Por outro lado, é preciso fazer uma distinção entre contracultura como “uma forma de vida” e a mera novidade artística. Na medida em que a contracultura dos anos sessenta consistia em experimentos audazes de diferentes modos de vida e consciência, poderíamos dizer que era bastante “corrosiva”. Mas, apresentar suas expressões artísticas como seu fator central seria um erro. Pode ser que alguns poucos poemas e algumas canções tenham exercido grande influencia, mas, em sua maioria, foram pálidos reflexos tardios das aventuras que realmente estavam ocorrendo.

As teses de Rexroth são mais aplicáveis aos países “comunistas”. Como ele mesmo assinalou, o fato de uma simples visita de Allen Ginsberg a Praga, ou de Joan Baez a Berlin, foi capaz de provocar pânico entre os burocratas. Mas isso ocorreria porque quase qualquer tipo de oposição ameaçaria o monopólio ideológico do qual dependia o poder das burocracias estalinistas. Nos sistemas ocidentais, mais flexíveis, se podem realizar obras artísticas verdadeiramente exageradas e, ainda assim, o sistema as assimilará como parte do espetáculo sem nenhum problema. Seu extremismo serve ao sistema para apoiar a pretensão de que há total liberdade de expressão (desde que a arte permaneça dentro do espetáculo e não passe para a ação).

Mas aqui chega à *redução ao absurdo* as teses de Rexroth:

Em geral, meus gostos pessoais vão desde cantadores que tratam de ir ao fundo das coisas, que falam de uma transformação fundamental da sensibilidade nas relações humanas e portanto na linguagem. Por exemplo, Dylan em seus melhores momentos, Donovan, Leonard Cohen, Joni Mitchell (...), há muita gente como eles por todo mundo, na França talvez mais do que em qualquer outra parte. Muitas das atividades lúdicas que tiveram lugar dia e noite no Odeon de Paris, durante a

revolução de maio de 68, não tinham nada a ver diretamente com as revoltas, passageiras depois de tudo, nas ruas, com os males do sistema ou as traições da esquerda política. A gente cantava canções que iam à raiz dos males apresentando um novo modelo de ser humano.

Embora a música e a poesia tenham realmente efeitos subversivos, os argumentos de Rexroth caem de plano se, quando surge uma rara oportunidade na qual tudo passa a ser questionado e as pessoas tem uma pequena oportunidade de mudar a história, a ele não ocorre nada mais do que continuar cantando. Houve muito mais poesia no ato de tomar o Odeon do que em todas as canções que se puderam cantar ali. Em uma situação como a de maio de 68, na qual milhões de pessoas sai de sua habitual existência sonâmbula e passam a provar o que é a vida real, o importante não é “apresentar” modelos alternativos de relações humanas, mas leva-los a cabo.

Toda organização da sociedade moderna vai contra isso. Não somente em restrições econômicas e políticas, mas também uma extensa e sutil contaminação cultural, que converte as pessoas em adictos de um consumismo passivo, funcionam contra toda realização humana. Nossa vida está dominada por uma constante invasão de espetáculos: notícias, anúncios, estrelas de cinema, aventuras de segunda mão, inclusive imagens de revoluções. Os situacionistas tem demonstrado que isto não é um traço superficial da vida moderna mas que reflete um estado qualitativamente novo da alienação capitalista. “O espetáculo não é uma coleção de imagens, mas uma relação social entre as pessoas, mediatizada pelas imagens” (Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo*).⁽¹²⁾

Neste novo contexto o papel da arte se converte em algo mais ambíguo. Qualquer que seja sua criatividade ou seus aparentes aspectos radicais, a arte passa a fazer parte do espetáculo e tende a reforçar a passividade do espectador.

A relação entre os autores e os espectadores é apenas uma transposição da relação entre dirigentes e executantes. (...) A relação entre o espetáculo e o espectador é, em si mesma, reflexo e reforço da ordem capitalista. A ambigüidade de toda “arte revolucionária” reside no fato de que o aspecto revolucionário de qualquer representação tem sempre um contrapeso de elementos reacionário que estão presentes em todo espetáculo. [Debord e Canjuers].

Na realidade Rexroth não analisa esta questão, e isso debilita em grande medida seus argumentos a favor de uma arte subversiva. Basicamente, ele ainda aceita as funções tradicionais da arte, desejando que estas funções fossem levadas a cabo de uma maneira melhor e mais extensa, e que a arte fosse mais autêntica e relevante. Insiste na necessidade de que a arte consista em uma comunicação vital, mas esta comunicação é, como sempre foi, uma atividade especial feita apenas por algumas pessoas, de acordo com certas formas e em determinadas circunstâncias.

Até mesmo essas tendências vanguardistas, que procuram suprimir o que a arte tem de representação, provocando a participação da audiência (por exemplo os happenings), o fazem dentro de limitações tais de espaço, tempo e conteúdo, que convertem esta participação em uma farsa. Como concluíram os situacionistas, a verdadeira realização da arte implica ir mais além de seus limites e levar a criatividade e a aventura dentro da crítica e a liberação de todas

as manifestações da vida; e acima de tudo, implica tratar de subverter os condicionantes da submissão que impedem que as pessoas criem suas próprias aventuras. Isso não quer dizer que todas as obras literárias e artísticas sejam irrelevantes ou reacionárias, mas é pouco provável que as melhores delas sejam tão intrinsecamente subversivas como Rexroth parece esperar.

Sem embargo, se a estratégia de Rexroth sobre a sutil subversão cultural é, em alguns aspectos, duvidosa, é muito correta quando trata de fomentar a comunidade e a criatividade aqui e agora, quando insiste em que “as satisfações humanas e o significado da vida” não devem ser postergadas a um futuro hipotético. Os meios podem não ser idênticos aos fins, mas ao menos, devem ser coerentes com eles. Os valores que Rexroth encarna são fundamentais para qualquer autêntica liberação social, precisamente porque nos proporcionam satisfação por si mesmos e dão sentido a nossa vida. Como ele mesmo expressa em um de seus poemas mais comovedores, escrito em 1952 para as exéquias de um velho amigo:

*(...) Acreditávamos
que veríamos com nossos próprios olhos
um mundo novo
onde o homem já não seria
lobo do homem, mas onde
em vez disso, todos, homens e mulheres,
seriam irmãos e amantes.
Não o vimos. Nenhum de nós o verá.
Está muito mais distante do que acreditávamos.
(...) Não importa.
Juntos fomos camaradas.
A vida foi bela para nós. É
bom ser valente. Não há nada
melhor. A comida é mais saborosa. O vinho
é mais reluzente. As garotas são mais
bonitas. O céu é mais azul. (...)
Se aqueles belos dias jamais voltarão,
é algo que não sabemos. Não importa.
O melhor foi nossa vida. Fomos
os homens mais felizes de nossa época.*

Adeus, meu velho e querido conselheiro.

[NOTAS]

11. Herbert Read (1893-1968). Poeta, filósofo e crítico de arte nascido na Inglaterra.
12. Este livro e outros textos dos situacionistas podem ser encontrados na página web <http://alterediciones.com/ash/>

Fim do capítulo 3 de “Erotismo, Misticismo e Revolução” de Ken Knabb.

Em tradução livre do espanhol para o português por Railton Sousa Guedes (Coletivo Periferia) <http://www.geocities.com/projetoperiferia>. Versão original em inglês: The Relevance of Rexroth (1990).

No copyright.

[\[Índice\]](#)

[\[Capítulo 1 : Vida e Literatura\]](#)

[\[Capítulo 2 : Magnanimidade e Misticismo\]](#)

[\[Capítulo 3 : Sociedade e Revolução\]](#)

[\[Notas e Bibliografia\]](#)

O texto original em inglês pode ser encontrado em:

[\[Contents\]](#)

[\[Chapter 1: Life and Literature\]](#)

[\[Chapter 2: Magnanimity and Mysticism\]](#)

[\[Chapter 3: Society and Revolution\]](#)

[\[Notes and Bibliography\]](#)

[\[REXROTH ARCHIVE\]](#)

[\[Home\]](#) [\[Public Secrets\]](#) [\[Situationist International\]](#) [\[Index\]](#) [\[Search\]](#)

Bureau of Public Secrets, PO Box1044, Berkeley CA 94701, USA
<http://www.bopsecrets.org/> knabb@slip.net